POEMA

DOS JARDINS.

OS JARDINS,

OU

A ARTE DE AFORMOSEAR AS PAIZAGENS;

POEMA

DE

Mr. Delille,

DA ACADEMIA FRANCEZA,

TRADUZIDO EM VERSO

POR

M.ª Maria Barboza du Bocage.

REIMPRESSO E OFFERECIDO

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

Francisco Antonio Ferreira,

Tenente do 3º. Batalhão de G. N., Proprietario e Negociante d'esta Praça.

Pelos Editores.

BAHIA,

TYPOGRAPHIA DE EPIFANIO JOZE PEDROZA,
Rua do Pão-de-ló, n. 37.

1844.

COMPRA
48317 R. 184276

. . . . . *Hic inter flumina nota,*
Et fontes sacros frigus captabis opacum.
Virg. Eclog. I.

Entre os rios aqui, e as sacras fontes
Gozaràs em repouso a sombra amena.

Illustrissimo Senhor.

A obra, cuja reimpressão temos a grande satisfação de submetter á protecção de V. S., a quem a dedicamos, he recommendavel pelo nume do author, pelo nome do traductor, pelo objecto, e pela fórma de que este he revestido. V S., em uma feliz posição, tendo toda a opportunidade para em seos recreios domesticos reunir nos prazeres campestres a gosto de um architecto, de um philosopho, e de um naturalista, pois que todos podem sentir differentes sortes de prazeres sem entrar no exame de suas catheyoricas classificações, desfructará inda mais, quando depois de se ter moldado pelas amenas exhortações desta bella obra, tiver achado que para seo prazer domestico póde pôr em pratica os preceitos de DELILLE. *Sim, he na possibilidade de pessôas, como V. S., que as lucubrações d'aquelle didactico Poeta terão uma adequada execução: todas quererião ter esse gosto, tanto mais quanto he em beneficio proprio e familiar; mas poucas o podem: V. S. he um desses poucos, para quem a natureza vegetal pode ser mais franca envolta em formosissimas vestes de agraria architectura. Por este offerecimento tambem temos em vista significar a V. S. o affecto com que somos*

De V. S.

Ill. Sr. Francisco Antonio Ferreira.

respeitadores e criados

Os Edictores.

PROLOGO DO AUTHOR.

Varias pessoas de grande merecimento escrevêrão em prosa á cerca dos Jardins. O Author deste Poema colheo dellas alguns preceitos, e até descripções. Em bastantes passagens teve a dita de encontrar-se com tão bons Escritores, porque este Poema foi começado antes que elles publicassem as suas obras. Confessa que dá ao prelo com extrema desconfiança huma composição muito esperada, e engrandecida de mais: a indulgencia excessiva, dos que a ouvirão, lhe agoira a severidade, dos que a lerem.

Este Poema, além disso, tem hum grave inconveniente, o de ser didáctico. Tal genero he necessariamente hum pouco frio, e mais o deve parecer á huma Nação, que lhe custa muito (como se tem observado repetidas vezes) a tolerar versos, em não sendo os compostos para o Theatro, os que pintão as paixões, ou as baldas dos Homens. Poucas Pessoas, digo mais, até poucos Litteratos lem as Geórgicas de Virgilio, e quasi todos, os que aprendêrão Latim, sabem de cór o quarto Canto da Eneida.

No primeiro destes dois Poemas, dá o Poeta a entender que sente não lhe permittirem os limites do seu assumpto cantar os Jardins. Depois de haver lutado longamente com as miudas, e hum tanto ingratas particularidades da cultura geral dos Campos, a modo que deseja repousar sobre mais risonhos objectos. Mas estreitado no de que trata, vinga-se desta sujeição com hum bello, e rápido esboço dos Jardins, e com o pathetico episódio de um Velho feliz no seu pequeno campo, que elle mesmo cultiva, e cuidla.

O que o Poeta Romano sentia não poder executar, executou o P. Rapin. Escreveu na lingua, e às vezes no estilo de Virgilio, hum Poema em quatro Cantos sobre os Jardins, que foi mui applaudido, n'um tempo em que ainda se liaõ versos latinos modernos. A sua obra não he despida de elegancia; mas quizera-se que abundasse de preciosos, e de melhores episódios.

De mais, o plano do seu Poema não interessa, não tem variedade. Hum Canto he consagrado às agoas, outro às arvores, outro às flores. Advinha-se o comprido catalogo, e a enumeraçaõ tediosa, que mais pertence ao Botanico que ao Poeta; e aquelle passo methódico, que assas prestaria n'um tratado em prosa, he grande defeito n'uma composiçaõ Poetica, onde o Espirito pede que o levem por caminhos hum pouco desviados, e lhe apresentem objectos que não espera.

Além disto, Rapin canta os Jardins, do genero regular, e a monotonia inherente à summa regularidade, passou do assumpto ao Poema. A imaginaçaõ, naturalmente amiga da liberdade, ora vai a custo pelos desenhos envirezados de hum canteiro de flores, ora morre no fim de uma longa, e direita alameda. Por toda a parte lhe lembra com saudades a formosura hum tanto desordenada, e a chistosa irregularidade da Natureza.

Finalm, aquelle Author não tratou senão a parte mecanica da Jardinagem. Totalmente esqueceo a mais importante, a que procura em nossas sensaçoes, em nossos sentimentos a origem do prazer, que nos causaõ as scenas campestres, e os attractivos da Natureza aperfeiçoados pela arte. Em summa, os seus Jardins saõ os do Architecto; os outros saõ os do Filosofo, os do Pintor, os do Poeta.

Este genero tem medrado por extremo ha annos, e se isto he tambem effeito da moda, demos-lhe graças. A arte dos Jardins, a que se poderia chamar luxo da Architectura, parece hum dos entretenimentos mais convenientes, e talvez um dos mais virtuosos da Gen-

te rica. Como cultura, reconduz á innocencia das occupações campesinas; como adorno, apadrinha sem risco a paixão dos dispendios, que acompanha as grandes Fortunas: finalmente, esta arte tem para semelhante classe de Homens o duplicado prestimo de participar, ao mesmo tempo, dos gostos que vogão nas Cidades, e dos que existem nos Campos.

Este prazer dos Particulares achou-se ligado á utilidade pública: fez com que os Opulentos folgassem de habitar as suas terras. O oiro, que sustentaria Artifices de luxo, vai allmentar os Cultivadores, e á riqueza torna á sua verdadeira fonte. Accresce a isto, que a cultura se enriquece com muitas, e muitas plantas, ou arvores estrangeiras, aggregadas ás producções do nosso terreno, e isto vale certamente o marmore todo que perdêrão nossos Jardins.

Feliz este Poema se desparzir, ainda mais, affeições tão simplices, e puras! Porque, como o Author desto Poema o disse em outra occasião, —

> Quem dos Campos o amor inspira aos Homens,
> Tambem, Virtudes, vosso amor inspira.

PROLOGO DO TRADUCTOR.

A Gloriosa reputação do Abbade Delille, como Litterato, e como Poeta, a estima geral, dada ao seu Poema dos Jardins, onde se encontrão todo o atavio, toda a graça, e toda a filosofia, de que he capaz o assumpto, me incitou a versificallo em vulgar, apurando nisso o cabedal que possuo em Poesia, cabedal que muito inferior ao apreço, e acolheita, de que estou em divida com os meos Compatriotas. O amor á Gloria, e á Gratidão talvez ainda criem na minha alma hum ardor que a fecunde, tornando-me digno do affecto, com que me honra o Publico; e entretanto lhe apresento esta versão, a mais concisa, a mais fiel, que pude ordenalla, e em que só usei o circumloquio nos lugares, cuja traducção litteral se não compadecia, a meu ver, com a elegancia, que deve reinar em todas as composições Poeticas.

OS JARDINS,

POEMA.

CANTO I.

Renasce a Primavera, influe, e anima
Ás Aves, os Favonios, Flores, Musas.
Que novo objecto á lyra os sons me pede?
Ah! Quando a Terra despe antigos lutos
Nos campos, nas florestas, sobre os montes,
Quando tudo se ri, tudo se inflamma
De amor, e de esperança, e de ventura,
Outro c'o a fantazia em Febo acceza,
Abra os fastos da Gloria aos grandes nomes,
N'um carro fulminante alce o Triunfo,
Manche, ensanguente as mãos na taça horrivel
Do vingativo Atrêo: sorrio-me Flora,
Vou cantar os Jardins, dizer qual arte
Em terreno louçaõ, dispoem, regúla
As flores, a corrente, a relva, as soombras.
Tu, que o vigor, e a graça entrelaçando,
Dás ao canto didactico energia,
De Lucrecio na voz, se outr'hora, oh Musa,
As austeras lições amaciaste;
Se pôde o seu Rival (sem que nos labios
A linguagem dos Numes desluzisse)
Ao laborioso arado unir o metro;
Vem mais fertil ornar, mais rico assumpto,
Assumpto amavel, que tentou Virgilio.
Mãos não lancemos de atavio estranho;

Das minhas mesmas flores vou croar-me:
Qual pura luz, que bella nuvem doira,
A expressão tingirei na côr do objecto.
Arte innocente, que em meus versos canto,
Origem teve nos cerúleos dias,
Nas Primaveras do recente Globo.
Apenas o Homem submettêra os campos
A' cultura efficaz, pôz mil disvelos
De viçôra porção no trato, e mimo,
Alinhou para si com leis, e industria
Plantas selectas, escolhidas flores.
De Alcino o luxo, o gosto, ainda rude
Punha a curto vergel módico enfeite;
Eis com arte maior, mais sumptuosa
Jardins nos ares Babylonia ostenta.
Os Latinos Heróes, de Marte os Filhos,
Depois que Roma agrilhoava o Mundo,
Davão repouso ameno á gloria, ao raio,
Em frescos Hortos, que a Victoria ornára.
Habitava os jardins outr'hora o Sabio,
Doutrinando os Mortaes mais tedo que hoje,
Quando a Sabedoria Elysios teve.
Ereis vós, Dons do Céo, talvez Palacios?
Não: vós erris hum prado, hum rio, hum bosque,
De imperturbavel paz ditoso abrigo,
Puras delicias, que a virtude anhéla.
Corra-se pois, que he tempo, o novo espaço;
Fallece, e o bello assumpto a voz me alentão.
Para aformosear simples terrenos
Não insulteis co'a pompa a Natureza;
Este emprego requer sisudo Artista,
Parco em dispendios, na invenção profuso;
Jardins com mais belleza que atavio,
Parece aos olhos meus hum amplo quadro.
Seile Pintor: o campo, os seus matizes,
Os reflexos da luz, da sombra as massas,
As estações, e as horas, variando
O gyro do anno, o circulo diurno;

Ricos esmaltes de cheirosos prados,
Dos oiteiros o alegre, o verde faro,
Aguas, boninas, arvores, penedos:
Eis os vossos pinceis, téas, e côres.
Podeis crear: a Natureza he vossa,
Edóceis para vós os Elementos.
Mas antes de plantar, antes que encete
Instrumento imprudente o seio á Terra,
Para dar aos jardins mais linda fórma
Observai, reflecti, sabei de que arte
Se imita, se arremeda a Natureza.
Nao tendes vezes mil em ermos sitios
De repente encontrado aquellas vistas,
Que as plantas, que os sentidos vos suspendem,
E que em meditações quintas, longas
Enlevão manso, e manso a fantasia?
Tudo o melhor seuhureai c'o a mente,
Dos campos aprendei a ornar os campos.
Lugares, que sutil decóra o gosto,
Olhai tambem; nos escolhidos quadros
Ainda há que escolher; por vós se admire
De Chantilli magnifica elegancia,
Que de Heróes em Heróes, de Idade a Idade
Ganha novo esplendor, Boileil, a hum tempo
Campestre, apparatoso, e lu que ainda
Ufano Chanteloup, te desvaneces
De teu grande Senhor com o desterro;
Todos vós alternais o bem dos olhos.
Qual purpureo bolão, mimoso, e breve,
Timido precursor da Quadra bella,
O amavel Tivoli, de fórma estranha
A' França descobrio tênue modéllo.
Montreuil as Graças desenhárao rindo,
Maupertuis, le Desert, com que alegria,
Auteuil, Rincy, Limours, quao docemente
Nas vossas lindas, arrojadas ruas
Olhos se embebem, se extravião passos!
Do grande Henrique a veneravel Sombra

Ama ainda Navarra, e parecido
Comtigo Trianon, Densa, que o reges,
Une a graça, o recreio á magestade,
Se adorna para ti, por ti se aduma.
Grato asylo d'hum Principe adoravel,
Tu, cujo nome de apourada idéa
Me inflígno de ti; lugar vistoso,
Quanto lhe devo a teu Senhor, offrece:
Hum plácido retiro, hum ocio lédo,
Beneficio de meus versos, de meus dias,
Na eleição de atiladus Escritores,
Em jardim, que do Pindo as rosas vestem,
Inclue a Musa minha, e brando a acolhe.
Junto ao Lyrio soberbo, e magestoso
Assim cresce a violeta humilde, e escura.
De illustres Vates não illustre sucio,
Ah! se coubera em mim cantar como elles,
Pintára os teus jardins, pintára o Nume,
Que os habita, que os honra; o gosto, as artes,
As virtudes, a gloria, os bens que o seguem,
O folgar em ti. Lugar formoso,
Só tua sua ventura. Eu se algum dia
Findar, por graça delle, amena estancia,
Mais bella a tornarei co'a bella imagem
Do alto meu Protector; quem que sejão
Minhas primeiras flores seu tributo.
Para o busto real cultivo, enlaço
Em virentes festões o loiro, o myrto,
Tão caros aos Bourbons, e se o repouso,
A liberdade, as sombras me inspirarem,
Ao bemfazejo Heroe te sagro, oh lyra.
Fallei desses logares deleitosos,
Que a arte deve imitar: convem que falle
Dos escolhos que a mesma evitar deve.
O engenho imitador tambem se engana.
Não dê belleza ao chão, que o chão não queira,
A paragem conheça antes de tudo,
Do sitio adore o Genio, o Deos consulte;

Impunemente as leis não se lhe aggravão.
Nos Campos, todavia, a cada instante,
Menos audaz que estranho em fantasias,
Tudo altera e confunde Artista inerte,
E desnaturaliza, e perde tudo;
Com absurda eleição mil graças liga:
Encantavão na Italia, em França enjoão.
O que o terreno teu sem custo adopte
Reconhece, e depois te apossa delle.
Isto ainda he melhor que a Natureza,
Mas isto mesmo he ella, isto he perfeito
Quadro brilhante, que não tem modelo.
Dos Berghems, dos Poussins tal foi a escolha,
De ambos estuda as producções divinas,
E o muito que o pincel aos campos deve,
Arte cultivadora, agradecida,
Nos jardins restitua á Natureza.
Os terrenos agora se examinem,
E que lugar se apraz das leis, que traças.
Houve tempo fatal em que Arte infensa,
Guerra aos mais bellos sitios declarando,
Enchendo os valles, arrazando os montes,
Formou de chão gentil planicie ingrata.
Hoje, rural Tyranno, outro Artificio
Quer, por contrario abuso, erguer montanhas,
Valles quer profundar. Longe os excessos,
Longe as lidas, e ardis: tudo he baldado
Contra intrataveis, repugnantes serros;
E sobre terra igual montinho humilde
Cuida ser pictoresco, e move a riso.
Queres a teu suor lugar propicio?
Foge as mui designaes, os muito planos
Campos, e serras. Eu tomara os sitios
Onde sem altivez fosse eminente
A rico valle matizado oiteiro
Não tendo insipidez, lá tem brandura
O solo complacente, he alto, he secco,
Estéril não, não rispido: caminhas;

Obedece o horizonte, ergue-se a Terra,
Ou a Terra se abate, aperta, estreite:
Luzem de passo a passo encantos novos.
Dos Gabinetes no silencio triste,
De compasso na dextra, embora ordene,
Artifice vulgar a symmetria
D'enfadoso jardim, confie embora
O Geometrico plano ao papel frio.
Tu vai ver em si propria a Natureza.
O lapis manejando, alli copia
Este aspecto, estes longes, esta allura,
Meios alviolla, obstáculos presente:
Só a difficuldade he Mai de assombros,
E o chão de menos graça havella póde.
He nu? Florestas a nudez lhe amparem.
He coberto? Os machados vão despilo.
Humido? Em lagos de crystal pomposo,
Em ribeiras fecundas, transparentes
Se converta, se alcare essa agua impura,
Por trabalho feliz corrige a bom tempo
Melhora as aguas, o terreno, os ares:
He árido talvez? Procura, sonda,
Torna ainda a sondar, não te enfastles:
Póde ser que, em trahir-se vagarosa,
A agua de rebentar esteja a ponto.
Tal de hum tenaz esforço eu mesmo anciado,
Morna indivinação maldigo, enfejo,
Mas de estéril objecto aborrecido
Idéa graciosa eis surge, eis salta:
O verso resuscita, e facil corre.
Inda mais doces que estes ha cuidados,
Arte existe inda mais encantadora
Falle-se ao coração, não basta aos olhos.
As invisiveis relações conheces
Desses corpos sem alma, e dos que sentem?
Das aguas, prados, selvas tens ouvido
A calada eloquencia, a voz occulta?
Todos estes effeitos deves dar-nos.

Do alegre ao melancolico, e do nobre
Ao engraçado, os transitos sem conto
Sempre me aprazem, me cativão sempre.
Une, simples, e grandr, forte, e brando,
Todo o matiz, que a todo o gosto agrade.
O Pintor enriqueça alli a idéa,
A santa Inspiração turbe o Poeta,
Alli remansos d'alma o Sabio goze,
Memorias o ditoso alli desfrute,
De lagrimas se farte o miserando.
Mas a audacia lhe commum, e o siso he raro.
Graça às vezes se crê a extravagancia,
Evita que os effeitos, mal unidos,
De incoherentes imagens formem cahos;
Vê que as contrariedades não são contrastes.
Estes paineis de natural pintura
Requerem longo espaço; em quadro estreito
Não vás aprisionar montanhas, bosques,
Nem lagos, nem ribeiras. He costume
Zombar desses jardins, paródia absurda
Dos rasgos que a atrevida Natureza
No seu grande espectáculo derrama;
Jardins, em que Arte rude, e inverosimil
Hum Paiz todo n'uma gyra encerra.
Em vez deste montão confuso, inerte,
Varia objectos, ou lhe altera a face.
Perto, longe, patentes, quasi occultos,
Revezem todos mil diversas vistas.
Dos effeitos seguintes a incerteza
Grato desassocego aos olhos deixe,
Ornamentos o gosto emfim coloque,
Imprevistos jamais em demasia,
Jámais em demasia annunciados.
Presta sobre maneira o movimento;
Sem a doce magia, a elle annexa,
Em lethargo recae a alma ociosa,
Sem elle, por teus campos enfadonhos
Em gyro casual vão sempre os olhos.

Citarei outra vez altos Pintores?
Lá diffunde o pincel prodigo, e fertil
Moveis objectos sobre o panno immovel:
O rio foge, o vento encurva os ramos,
Globos de fumo das Aldêas sobem,
Os Gados, os Pastores brincão, danção,
Colhe em fe apoderar deste segredo,
Dispoem sem parcimonia arbustos dóces,
Arvores brandas, cuja afavel coma
Das viraçoes ao hálito obedece.
Sejão quaes forem, tu, Cultor, venera
A vacilante, undisona verdura,
Tollte, que o ferro a Natureza ultraje,
Ella c'o a mestra mão como desenha
Desta parte os carvalhos, desta os olmos!
Olha como do tronco até aos ramos,
Dos ramos té ás folhas desparzido
Da Mai universal benigno influxo;
Vai das undulações dar-lhe a molleza.
Porém golpes cruris .. vedai tal crime,
Correi, Nymfas da selva... ah! Q'he de balde,
O córte cercenou lhe a gala, o viço,
Já na cópa vivaz não olço ao longe
Correr aos Aquilões, bramir na rama,
Affastar-se, expirar. Vacitos, frios,
Mortos do ferro os vegetaveis Entes,
Delle semelhão rispideza immovel.
A's plantas deixa, pois, tremor suave
Nos quadros teus, do movimento amigos;
Faze fugir, ferver, saltar as aguas.
Vês estes valles, solidors, florestas?
Por varios siljos de diversos gados.
A nédia multidão se envie, e alongue,
Além vejo a cabrinha roedora
Pender do cume de remotas penhas,
Aqui mil cordeirinhos melindrosos
Soltão queixumes, que de serro a serro
Vai éco em molles seus amiudando.

Nestes, que as aguas da collina sorvem,
Prados lustrosos, sobre as mãos se estende,
E ruminando jaz o Boi pesado,
Em quanto generoso, altivo, acerzo,
O filho do Tridente, o Marcio Bruto
Ostenta, viccjando, em pingues pastos,
O indomito vigor, e o brio agreste.
Quanto me atralie, me regozija, quanto
A audaz agilidade, o gesto activo!
Ou elle, ysalto ás fluvtais correntes,
Sobre ellas se arremesse, estremecendo,
E luctando depois, c'os pés sacuda
As ondas, que murmurão, que branquecão;
Ou atravez dos prados salte, e fuja;
Ou, tonga crina ecraute aos ventos dada,
Brotando os olhos fogo, as ventas fumo,
Bella de orgulho, e amor, vae ás amadas.
Sumio-se já, e a vista ainda o segue.
O thesouro exhaurindo á Natureza,
Assim terrenos, vistas, e agua, e sombras
Dão ás paizagens movimento, e vida.
Porém se o movimento encanta os olhos,
De liberdade hum ar não menos querem.
O limite aos jardins fique indeciso;
Ou com arte se esconda, ou se disfarce.
Não ha mais que esperar? Vôa o feitiço.
Com certo dissabor o fim se póca
De huma estancia aprazivel: cedo enfada,
E irrita finalmente; alem dos muros,
Importuna barreira, inda se ideão
Lugares mais gentis, mais attractivos,
E a alma inquieta desencanta os olhos.
Quando nossos Avós, á guerra affeitos,
Seus campos em castellos convertião,
Cada qual em munida, enorme torre
Preso vivia por viver seguro.
Mas hoje de que servem taes muralhas,
Que o temor inventou, mantem o orgulho?

A estes, que prendendo outr'hora a vista,
A vista duramente entristecian,
Prefere o gosto verdejantes muros,
Muros tecidos de esplendoso roredo,
Muros, por onde a inan, tremendo, colhe
A rosa inculta, a amóra ensanguentada.
Mas jardim limitado inda me anceia.
Surja-se em fim de hum circulo tão breve
A genero mais vasto, e mais formoso,
De que hoje Ermenonville he só modêlo.
Os jardins para si chamavan campos,
Vão nelles os jardins entrar agora.
Do cimo desses montes, donde os olhos
Paizagem dilatada abrangão, ordem,
A madre Natureza ao Genio disse:
Os thesouros, que vês, sãn teus: revoltos
Na rude pompa, na opulencia brata,
Os quadros meus tua destreza implorão.
Ella diz, elle vôa; em toda a parte
Esquadrinha esta massa, onde repousão,
Onde dormindo estão bellezas cento.
Do valle á serra, da floresta ao prado
Vai retocando os quadros, que varia,
Dos olhos a sabor, dne, e desune,
Illumina, esconece, occulta, ou mostra,
Não destróe, não compõem, corrige, apura,
O esboço aperfeiçoa á Natureza.
Carrancudo terror já despem róchas,
O busque alegre adóça, encurta as sombras;
Hia perder-se hum rio: vês o encaminhão;
De hum lago se apodera a mão geitosa,
De crystalina fonte se enriquece.
Quer, e veredas mil subito correm
A demandar, cingir, prender os membros,
Por aqui, por alli soltos, dispersos,
Os membros, que assombrados, que attrahidos
Da engenhosa união, do nó, que os junta,
Formão de cem porções hum todo insigne.

Talvez, campestre Artifice, te espantem
Estes grandes trabalhos. Entra os nossos
Ilhsus parques; de huma vez contempla
Apuros vaos, dispendiosos nadas;
As estacadas vê, regos, e tanques.
Preço menor do que a minucias cobe
Para ornar o que hum dia apraz suavente,
Póde afformosear hum campo immenso.
Fallaz, e sem sabor magnificencia,
Cahe ante esta arte, e por milagre della
A cara Patria minha se transforme
Toda em vasto jardim, n'um Eden novo!
Se não ousas tentar esta carreira,
Ao menos, franqueando o teu circuito,
De aspectos opulentos o engrandece.
De hum valle, hum serro, hums agradaveis longes
Ajunta posse alhéa á posse tua:
Rege c'o a vista, pelos olhos gosa.
Os varios, favoraveis accidentes,
Com que innumeros campos se distinguem,
Une principalmente a teus plantios. (*)
Aqui jaz hum logar, que cinjem bosques,
Acolá torreons Cidades crôam,
E a grimpa azul, ferindo ao longe os olhos,
Vai sumir pelos Ceos o agudo extremo.
Hum rio omittirei, e as margens suas?
Após fugazes vélas corre a vista.
Ilhas ás vezes sahem do vitreo seio,
Ponte arqueada entr'hura o furta aos olhos.
Se os mares espaçosos descortinas,
Offrece, mas varia a grave scena.

(*) Vem no Diccionario de Sousa, e a harmonia, e necessidade do termo animou-me a adoptallo, parecendo-me todavia que os Campinezes o usão. A palavra *Paizagens*, de cuja pureza duvidei, acha-se em bons Escritores nossos, sendo hum delles Rodrigues Lobo, para mim de tanta decisão como os melhores.

Mal se divise aqui por entre as folhas,
Huma abóbada além, qual nio remate
De tubo extenso, aos olhos o apresente
Em fundo de odoriferas latadas;
Nas voltas do florente husquezinho
Aqui se encontra o nar, alli se perde:
Eis súbito apparece em toda a sua
Fervente, rugidora immensidade.
Folgue a attenção nestes semblantes varios;
Mas com mesquinhas mãos (cumpre que o diga)
Os Homens, Natureza, o Tempo, as Artes
Nos cercão de tão ricos accidentes.
Oh Placicies da Grecia! Ausonios Campos!
Lugares divinais, inspiradores,
Sempre caros ao genio! Ah! quantas vezes
Embebido n'hum mágico horisonte,
O pintor vê, se inflamma, e toma o lapis,
E debuxa esses longes, essas ilhas,
Esse pégo, esses portos, essas montes,
Torradas de volcões, e já fecundas;
As lavas delles, que ameação, fervem,
Palacios, que em ruinas de outros surgem,
Hum novo Mundo que do velho assoma
Nestes de Terra, e Mar longos tormentos.
Ah! Eo inda não vi essa risonha,
Essa encantada estancia, onde mil vezes
Soón do Mantuano a voz divina,
Mas, pelo Vate, pelo Vate o juro,
Heide, Apenino, transcender teus cumes,
E cheio do seu nume, e de seus versos,
Lêlos naquelles amorosos sitios,
Sitios, cópia do Ceo, que os inspirárão.
De encantadoras margens namorado,
Por fóra ingratos campos teus sómente
Em vez de aspectos que interessem a alma?
De estranha vista, que atenta o gosto,
Vinguem-te objectos de mais bella escolha.
Aprende a deleitar-te em teu recinto,

Sê o emblema do Sabio independente,
Que entra em si mesmo, e que se apraz comsigo.
Nesse asylo fiel nos entranhemos.
Todavia em lugares onde a Terra
De aspectos variados mais abunde,
Os thezouros da vista he bem que poupes,
E seja teve gyro o custo delles.
A arte os promette, os olhos os esperem;
Dá quem promette, quem espera goza.
Releva, que enfeitices, não que assombres.
Entre minhas lições tambem quizera
Duas artes de effeitos encontrados:
Huma os olhos advertе, outra os saltêa.
Mas antes de dictar preceitos novos,
Dois generos, ha tempo émulos ambos,
Disputan nossos vótos Hum presenta
De regular desenho a ordem grave,
Aos campos da bellezas que ignoravão,
De pompa desusada os atavia,
E ás arvores poem leis, põe freio ás ondas;
Brilha entre Escravos, Déspota orgulhoso;
He mais em magestade, em riso he menos.
Da Natureza respeitoso Amante,
O outro lhe ajusta comedido enfeite,
Trata benignamente os feiticeiros
Caprichos seus, o seu desleixo nobre,
O passo irregular, e extrahe com arte
Lindezas da desordem, fé do acaso.
Cada qual tem seu jus, nenhum se exclua;
Entre Kent, e le Notre em vão decido.
Ambos tem leis, tem graças: hum creou-se
Para Grandes, e Reis: oh Reis! oh Grandes,
Sois á magnificencia contemnados.
Em torno a vós o esforço, o extremo, o apuro
De alto poder se espera, alli queremos
Que em prodigios, o luxo, o gosto, as artes
Excitem pasmos, embriaguem vistas.
Rebelde a Natureza á Industria cede;

Mas deve grão triunfo honrar a Industria;
Ella em seu esplendor tem seus direitos,
He huma usurpadora, e lhe cumpele
A' força de grandeza obter desculpa.
Longe, pois, os Jardins desengenhosos,
Insulsa Estancia, de que o Dono insulso
As arvores guridas fôfo exalta,
Os pequenos salões bem dereitados,
A extrema symmetria escrupulosa,
Passeios, onde mora solidaria,
Alameda nau hu, que irmãa não tenha;
Caminhos desgostosos, enjoados
Da obediencia ao cordel, os seus canteiros
Bordados, e os seus tenues fios de agua;
Das arvores algumas torneadas
Em vasos, em pyramides, em globos,
E alçados bem na base os Pastorinhos.
Gabe o seu luxo pobre: eu antepunha
Hum campo bruto a seu jardim tristinho.
Distante destes minimos portentos,
Segue meu vôo á patria dos prestigios,
Vê Versailles, Marly, pomposos, lêdos,
Onde Luiz, e a Natureza, e a Arte
Em tanta cópia desparzirão graças.
Que afouto resplandecer alli o engenho!
Alli tudo he grandeza, he tudo encanto,
São de Alcina os jardins, de Armida os Paços,
Antes os de hum Heróe, que inda procura
Vencer, domar obstaculos, sublime
Em seu retiro, em seu repouso, e sempre
Caminho, de milagres circundado.
Aquellas aguas vês, a terra, os bosques?
Submettidos tambem, sem jugo adorão,
Das arvores á verde arquitectura
Olha com que elegancia estão cazados
De fórma singular Palacios ideze!
Vê bronzes, que respirão, vê correntes
Que, soltas de reproza, esbravejando,

Em grossos borbotões de fofa espuma
Cahem, e se estendem por canaes soberbos;
Em lustrosa espadana além se espalhão,
Em pavêas brilhantes cá se elevão,
E nos benignos ares incendidas
De hum sol immaculado, eis chuvem gotas
Côr de oiro, de safira, e de esmeralda.
Selvas, por onde absorto me extravio,
Os Sátyros, os Faunos vos povoão,
Em vós Diana influe, e Cithereá;
He cada bosquezinho em vós hum Templo,
Cada mármore hum Deos. Luiz, folgando
Do pezo marcial, do horror da Guerra,
Como que nesta, a Jove idónea Estancia,
Convida todo o Olympo a seus festejos.
Nestes grandes effeitos he que importa
Que a arte se esmere, avulte, e brilhe, e encante.
Facilmente porém o assombro péza.
Louvo o Orador que erguidos pensamentos
Na luz, na pompa, na cadencia envólve,
Mas he curto prazer, e o deixo, e corro
A escutar corações na voz de amigos;
Mármores, bronzes, que alardêa o luxo,
Arte ostentosa em breve os olhos cança,
Mas as correntes, o arvoredo, as sombras,
Este luxo innocente, ah! não fatiga,
Não fatiga jámais. Deos mesmo aos homens
Traçou este modelo. Atenta em Milton,
Quando essa eterna Mão, que rege tudo,
Aos primeiros Mortais guarida aprésta,
Regulares caminhos abre acaso,
Talvez cativa na carreira as ondas?
De improprias, de forçadas vestiduras
Cobre a infancia do Mundo, a Primavera
Recemnascida? Não, sem arte alguma,
E sem constrangimento, a Natureza
Estreou, exhaurio delicias puras,
Delicias puras, que nem ha na idéa.

O misto amavel de planicie, e monte,
Livres, e mollemente errando as aguas,
Veredas tortuosas, e indecisas,
Gratas desordens, novidades gratas,
Aspectos, onde os idhos mal sabião
Escolher, preferir, tudo alongava,
Entretinha o prazer na variedade.
Sobre viçoso esmalte aveludado
Mil arvores, mil plantas, mil arbustos,
Destes lugares ondeante adorno,
Iman da vista, do sabor, e olfato,
Em grupos elegantes, movediços,
Em natural, dispersa negligencia,
Já se fugiao, já se avisinhavao.
Seu brando movimento ao longe ás vezes
Inopinada scena aos olhos dava;
Ou com pendor gentil curvando a rama,
Aos passos vinhão pôr suave estorvo;
Ou sobre as frontes em festoes pendiao,
Ou, na passagem, lhe entornavao flores.
Lindos Bosques direi de tenras plantas,
Em laiadas, e abóbadas travando
Troncos florentes, e florentes braços?
Lá de imaginaçoes, queridas, ternas,
Cheios a mente, o coraçao, e os olhos,
Deo Eva ao bello Amante a mao mimosa,
E córou como a Aurora ás portas de oiro.
A Natureza toda os afagava,
O Céo c'o a luz, com seu murmureo as ondas;
Tremendo a Terra, lhes sentia os gostos;
Favonio aos écos os suspiros dava;
O Arvoredo rugia, e curva a Rosa,
Cedia ao tôro seus perfumes todos.
Oh ventura inefavel. Par tranquillo!
Feliz quem, como vós, nos seus amados,
Bonançosos jardins, longe dos males
Que a Soberba atormentao, vive rico
De flores, frutos, innocencia, e gosto!

FIM DO CANTO I.

NOTAS

DO

CANTO I.

(PAG. 1. *vers.* 24.)

Assumpto amavel, que tentou Virgilio, etc.

Vê-se nas Georgicas, liv. 4. que a composição dos Jardins, de que fallão, he mui singela, e naturalissima, e que se acha nelles o util com o aprazivel: pomos, flores, hortaliças. Mas estes Jardins são os do homem ordinario Habitante dos Campos, Jardins, tais como, com hum gosto simples, quizera o Sabio ornallos, e cultivallos pela sua mão; tais como folgaria de os aformosear o amavel Poeta, que os descreve. Não tratou daquelles Jardins famosos que o luxo dos Vencedores do Mundo: os Crassus, os Lucullos, os Pompêos, os Cesares, carregárão das riquezas da Asia, e dos despojos do Universo.

(PAG. 2. *vers.* 12.)

De Alcino o luxo, o gosto, ainda rude,
Punha a curto Vergel módico enfeite, etc.

He um monumento precioso da Antiguidade, e da historia dos Jardins a descripção que faz Homero do de Alcino. Vê-se, que elle distava pouco do nascimento da Arte; que todo o seu luxo estava na symmetria, e ordem, na riqueza do chão, na fertilidade das arvores, nas duas fontes, de que era ornado: e todos os que quizessem jardim para gozar, e não para mostralle, escusarião outro.

(IBID. *vers.* 14)

Eis com arte maior, mais sumptuosa
Jardins nos ares Babylonia ostenta.

Parte destes Jardins suspensos ainda durava mil, e seiscentos annos depois da creação; elles forão o assombro de Alexandre, quando entrou em Babylonia.

(IBID. *vers.* 16)

Os Latinos Heróes, de Marte os Filhos,
Depois que Roma agrilhoava o Mundo,
Davão repouso ameno á gloria, ao raio
Em frescos hortos, que a victoria ornára.

Existe monumento inestimavel do gosto, e fórma dos Jardins Romanos em huma Carta de Plinio Junior, e nella se lê que já então conhecião a arte de affeiçoar as arvores, de dar-lhes diversas figuras de vasos, ou animais; que a Architectura, e o luxo dos Edificios erão dos primarios ornamentos dos Parques; mas que todos tinhão hum objecto de utilidade, objecto em demasia esquecido nos Jardins modernos.

(PAG. 3. *vers* 24)

Belœil, a hum tempo
Campestre, apparatoso, etc.

Belœil, foi uma casa de recreio, ou quinta, do Principe de Ligne.

(IBID. *vers* 31)

O amavel Tivoli, de fórma estranha
A' França descobrio tênue modêlo.

O local de Tivoli negava-se aos grandes effeitos pi-

oloresos; mas Boutin teve o merecimento de colher delle a utilidade possivel, e principalmente de ser o que primeiro experimentou com bom exito o genero irregular.

(IBID. *vers.* 33.)

Montreuil as Graças desenhárão rindo, etc.

Montreuil era hum bellissimo Jardim da Princeza de Guimené, na estrada de Paris a Versailles.

(IBID. *vers.* 34.)

Maupertuis, le Desert, com que alegria,
Rincy, Limours, etc.

Maupertuis. Este Jardim, conhecido pelo nome de Elysio, pertenceo ao Marquez de Montesquieu. Se bellas agoas, soberbas plantaçoes, aprazivel mixto de colinas, e valles, fazem hum sitio formoso, o Elysio he digno do seu amavel nome.

Le Desert. Este Jardim foi desenhado com muita graça por Monville.

Rincy. Este lindo Jardim foi da Duque de Orleans.

Limours. Este lugar, naturalmente inculto, foi muito aformoseado pela Condessa de Brionne, e perdeo parte da aspereza sem perder o caracter.

(PAG. 4. *vers.* 1.)

E parecillo
Comtigo Trianon, Deosa, que o reges, etc.

O pequeno Trianon, Jardim da Rainha, he modèlo neste genero. Parece que a riqueza foi nelle empregada sempre pelo gosto.

(IBID. *vers.* 5.)

Grato asylo d'hum Principe adoravel,
Tu, cujo nome de apoucada idéa, etc.

He o gracioso Jardim — Bagatela — composto com muita arte para o Conde de Artois, e que tem a vantagem de se achar um meio do Bosque aprazivel, que parece parte delle. O pavilhão he de huma elegancia rara. Não se poderão nomear neste Poema outros agradaveis Jardins, feitos alguns annos depois.

(PAG. 13. *vers.* 8.)

A arte os promette, os olhos os esperem:
Dá quem promette, quem espera goza.

Este ultimo hemistichio vem n'uma Epistola de Saint Lambert; a reminiscencia o introduzio neste Poema.

(IBID. *vers* 30.)

Entre Kent, e le Notre eu não decido, etc.

Kent, Architecto, e famoso Desenhador em Inglaterra, foi o primeiro que lenlou felizmente o genero livre, que principia a lavrar por toda Europa. Os Chinezes são sem dúvida seus inventores.

(PAG. 15. *vers.* 28.)

Allenta em Millon, etc.

Muitos Inglezes querem que esta bella descripção do Paraiso Terreal, e alguns lugares do Spencer, dessem a idéa do Jardim irregular; e posto que he provavel, como já se disse, que este genero venha dos Chins, o Author antepoz a authoridade de Milton como a mais poetica. Além disso, julgou que se olharia com gosto a magnificencia toda do maior Rei do Mundo, todas as milagres das Artes em opposição com os feitiços da Natureza recente, com a innocencia das primeiras Creaturas que a aformoseárão, e com o attractivo dos primeiros amores. Não tradazio, nem lão pouco imitou Milton, que devia, e podia descrever mais longamente o Eden.

OS JARDINS,

POEMA.

CANTO II.

A Lyra, que os rochedos, que as florestas
Ao Rhódope attrahia, oh se eu tivesse!
Ella fallára, e súbito arvoredos
Sobre as paizagens lançariao sombras;
A Laranjeira, a Til, Carvalhos, Coiros
Viriao nos meus campos collocar-se
Em pasmosa cadencia, em ordem bella;
Mas perdeo a harmonia os seus milagres,
A lyra já não reina, a penha he surda,
A arvore immovel fisca aos sons mais gratos;
Dous mágicos ha só: trabalho, e arte.
Aprende, pois que industria, e que desvelo
Prestao mimo, ou riqueza ás várias plantas.
Pela ridente cópa, a flor, e o fructo
A arvore he dos jardins primeiro ornato.
Para agradar, quantas figuras tóma,
Quantas figuras! Acolá se estendem
Pomposamente seus informes braços;
Brando, e ligeiro além se eleva o tronco,
Aqui lhe admiro, lhe namoro a graça,
A magestade alli. Roçada apenas,
Da menor viração, lhe ondêa a ruma,
Ou contra os furacões arrebalados
Firma o corpo nodoso, a rija frunte;
Dura, ou molle, se inclina, ou se lévanta,

Prolífico dos vegetais, a cada instante
Muda o feitio, a cor, verdura, e frutos
Para dar novo brilho à Natureza.
Eis os thesoiros teus, oh Arte, e o Gosto
Prohibe que sem ordem se dispendam.
Das varias plantas a extensão, e a fórma
Se offrecer aos olhos em aspectos varios.
Ora selva profunda, inculta, e negra
Derrama sombra immensa, ora apparece
Bosque risonho de arvores formosas.
Em ventilados campos mais ao longe
Os olhos chamão, a attenção domina
Distribuidos, primorosos grupos.
Fiando se na propria louçania,
Só, n'outra parte, huma arvore pompêa,
Só ella exurna o chão. Tal, se lhe possivel
Que a paz dos campos assemelhe a guerra,
Cerrados batalhões, dispersas turmas,
Numero, e forças ante nós ostentão;
E altivo do seu nome, e sustentado
Na sua intrepidez, à frente delles
Hum só Heroe se avança, e todos vale.
Diversas plantações tem leis diversas.
Nos Jardins do Artificio em outros tempos
Olhava o luxo com desdem, com tedio
As isoladas arvores, e agora
Aprazem nos Jardins da Natureza.
Por capricho feliz, sisuda acaso
Estas desproporções lhe attractivos,
Difirão na distancia, aspecto, e fórma;
Sempre a grandeza, ao menos a elegancia,
Distingue a planta, ou ella, envergonhada,
Por entre a multidão desapparece.
Mas se hum Carvalho, ou Platano longevo,
Patriarcha dos Bosques, ergue a fronte
Sombria, veneravel, toda a Tribu,
Disposta em torno, com respeito o esquive,
Lhe faça Corte. Agradará dest'arte

A arvore, que isolada o Campo adorna.
Com mais escolha ainda, e com mais gosto
Os grupos te darão prestantes quadros,
De arvores mais, ou menos vigorosas,
Em numero qualquer, pequeno, ou grande
Fórma-lhe a massa espessa, ou leves tufos:
Este Povo de Irmãos apraz ao longe,
Pódes por elles variar desenhos;
Com elles se aproximão, se removem,
Se afastão, se reunem perpectivas,
E com elles tambem sobre as paizagens
Se dobra, ou se desdobra o véo das sombras.
Formárão-se teus grupos: he já tempo
Q'a hum tanto de arte os bosques se habituem.
Bosques augustos! Bosques venerandos!
Eu vos acato, eu vos saudo: as vossas
Poeticas abóbadas não ouvem
Já do Bardo feróz o horrivel canto;
Hum delirio mais doce em vós habita,
Vossas grutas ainda em verso instruem.
Ermos antigos, magestosas sombras,
Vós inspirais os meus: ah! dai que eu possa
Com respeitosa mão tocar-vos hoje,
E que, sem profanar, aformosêe:
De vós aprender quero a adereçar-vos.
Arvoredos expor-se aos olhos podem
Em milhares de aspectos. Deste lado
Pressos troncos as sombras lhe carreguem;
Alegre-se acolá de luz escassa
A redolente estancia, travem nella
Combate deleitoso a noite, e o dia:
Mais além, signalando o chão co'as folhas,
Sobre os claros dispersas treman plantas.
Porque, humas para as outras fluctuando,
E sem ousar tocar-se, ao mesmo tempo
Pareça, que se fogem, que se buscão.
O bosque assim por ti perde a aspereza;
Mas seu grave caracter não desmanches;

Com miudos objectos, mui frequentes
Não se interrompa, não se altere o todo.
Hum seja, simples, grande, e toda a pompa
Com alguma rudez a Arte lhe deixe.
Apresenta esses troncos destroçados;
Quero ver, e seguir negras torrentes,
Pelas quebradas concavas fervendo.
D'agoa, do tempo, do ar mantem vestigios;
Venera do rochedo os ameaços,
Deixa-o pender, e emfim tudo respire
Silvestre, vigorosa formusura
Sobre o terreno magestoso. Agrada
Assim de hum bosque a rustica nobreza.
Com menor altivez, com mais brandura
Hum bosquezinho offrece amenos quadros:
Quer bellos sitios, e contórnos brilos;
Fóge, fórna, em rodeios vai perder-se;
Entre flores estende agoas serenas,
E cuido que inda nelle, embriagado
De hum extasis suave, em ocio puro,
As liçoes do prazer dicta Epicuro.
Mas não basta que em selva, ou bosquezinho
Haja riqueza ou elegante, ou bruta,
Cumpre ornar com primor seus exteriores.
Nao vás, symmetrisando-lhe os limites,
Com recendentes muros ocultar-nos
Dos bosques as innúmeras familias.
Ver quero, penetrando o centro agreste,
Crescer a hum tempo as arvores diversas,
De vigor juvenil humas brilhantes,
Outras todas decrépitas, noilósas,
Estas rasteiras, languidas, e aquellas,
Tyrannos das Florestas, esgotando
Da subst ncia o tributo a seus vassalos;
Scena em que a idéa vê com gosto imagens
Das idades, da vida, e dos costumes.
Apar destes effeitos, que valia
Terão verdes reparos, cuja fórma

Entristece, importuna, affige os olhos,
Fórma que lhe sempre igual, nunca inesperada?
Oh delicias da vista! Oh variedade!
Acode, vem romper nivel insulso,
Triste espaudro, e cordel fastidioso.
De matiz acertado, interessante
As estremas dos bosques se guarnecão.
He a uniformidade ingrata aos olhos;
Da que vem nos jardins elles se enfadão,
A' sua extremidade elles se avanção,
Folgão de discorrer a inopinada
Fórma que lustra nos limites varios.
Em gyros mil brincando a vista errante,
Ou com elles se estranha, ou sahe com elles,
E nos diversos, floreceutes quadros
De distancia em distancia, alegre pousa.
O Bosque se engrandece, e a cada passo
Seus roteiros varia, e seus encantos.
A fórma, pois, se lhe descolhe, e logo
As Arvores se escolhão, a que o Gosto
Prescreve o sacrificio; mas sê tardo,
Condena devagar, condena a custo;
Antes de executar-se a lei severa,
Ah! vê que manso, e manso as cria o Tempo,
E alléa manso, e manso; que impossivel
He a tudo o olho ter remir-lhe as sombras,
E que já lhe devaste hum fresco amparo.
Duro Possuidor, com tudo, ás vezes,
E sem necessidade, e sem remorso,
Aos golpes do machado as abandona,
Eis sobre o seio da Indignada Terra
As miseras baqueão, secção, morrem:
Para sempre dalli com magna vôan
Doces meditações, cautos amores.
Ah! por estes sagrados Arvoredos,
Que aos bailes Pastoris prestavão sombra,
Por estas densas comas, que abrigárao
Vossos Avós, tende attenção, Profanos,

Cos troncos religiosos. Já que os Evos
Nelles a robustez inda consentem,
Não lhe afronteis a ancianidade augusta.
Tem de raiar, tem de raiar em breve
O dia em que estes bosques desmaiados,
Para ceder o imperio a tenras plantas,
Da excelsa fronte, succumbindo ao ferro,
Verão no pó murchar-se a lemra antiga.
Oh Versailles! Oh dor! Oh vós, Florestas,
De celeste apparencia! Maravilhas,
Que fez hum grande Rei, Le Notre, e os Annos!
Eis sôa o corte; vosso termo he vindo.
Arvores, cuja audacia ás nuvens hia,
Feridas na raiz, no ar balançando
Suas cópas louçaas, que abala o ferro,
Já dão ruidosa quéda, e já seus troncos
Vão alastrando ao longe esses passeios,
Que de frescas abóbadas cubrião
Com seus pomposos, estendidos braços.
O estrago se atreveo aos Arvoredos,
Cuja gloriosa fronte a fronte heroica
De Luiz, o magnanimo, assombrava!
Destruirão-se bosques, onde as Artes,
Mais suaves conquistas celebrando,
Multiplicavão festivais prazeres!
Amor, que he feito do encantado abrigo,
Que ouvio de Montespan gemer o orgulho?
Que he do retiro, onde tão meiga, e bella,
Ao de ouvilla attrahido, absorto Amante
La Valiere exprimio segredos ternos,
Rendida suspirou, sem crer-se amada?
Tudo cahe, tudo acaba; ao som terrivel
Desta destruição, não vês, não sentes
Aligero Tropel fugir medroso?
Este volatil Povo, alegre, ufano
De habitação tão bella, e que entoava
Dos Monarcas no asylo os seus amores,
Com dor se ausenta dos saudosos lares.

Deozes, de que estes pórticos honrara
Estremada cinzel, Deozes, vestidos
De verdes, molles véos, ainda ha pouco,
Pela perdida sombra estão rarpindo,
Mostrando-se da nudez envergonhados;
E, arreceando os olhos, Venus mesma,
Venus se assombra de se ver despida.
Appressai-vos, crescei, mimosas Plantas,
Tornai a povoar a Estancia cara,
Arvores seminuntas, consolai-vos.
Vós, testemunhas da franqueza humana,
De Corneille, e Turenna os fados vistes,
Vistes morrer o Herve, morrer o Vate:
Ah mesmo, já contais cem primaveras,
E os nossos dias de mais luz, mais gloria
Ah! vaõ-se logo, e para sempre vaõ.
Feliz daquelle que possue hum bosque
Formado pelo tempo! Mas ditoso
Tambem quem para si póde criallo!
Estas, que vão medrando, arvores bellas,
Eu fui o que as plantou! (diz mesmo Cyro)
Tu, pois, se ainda dispor das tuas pódes,
Teme que antes de tempo ellas rebentem.
Assim como o Pintor que, demorando
Indiscreto pincel na mão sabida,
Longamente em'a idéa esbóça os quadros:
Tu dos desenhos teus medita a ordem;
O valor, a eficacia dos aspectos,
E dos sitios conhece; e o attractivo
Dos bosques nas colinas pendurados,
E a gala dos que em plano a sombra estendem.
Como as amigas fórmas, como as côres
Amigas, te he mister conheceres
As adversas tambem. O freixo altivo,
Arremessando ao ar comprida rama,
O inclinado salgueiro aborrecêa,
Do álamo opoem-se o verde ao do carvalho;
Mais tais odios temperão-se com arte:

Elege por feliz intercessora
Huma arvore meaã, que os concilie.
Desta sorte Vernet, com maga tinta
De duas côres a discordia extingue.
Conhece, pois, o emprego, a serventia
Das difrentes verduras, ou brilhantes,
Ou sem lustre, mais mortas, ou mais vivas,
Com taes alterações, com taes matizes
No seio das paizagens se variáo
Formosamente as sombras, se produzem
Effeitos ora doces, e ora fortes,
Grandes contrastes, ou gentis concordias.
Observa-as maiormente quando o Outono
Perto de vella murcha enfeita a crôa:
Que pompa! Q'esplendor! Que variedade!
A côr alaranjada, a côr purpurea,
A opàlica viveza, a do encarnado
Ostentação de seus thesoiros fazem.
Ai! Todo este esplendor lhe agoira a quéda!
Eis o fado commum! Depressa os Euros
Hão de espalhar pelos profundos valles
Os despojos selvàticos: a folha
Cahindo, já distrahe de quando em quando
O solitario Pensador; mas estas
Mesmas ruinas para mim sáo gratas;
Alli, se fundas queixas outro n'aima,
Ou assanhar-me a chaga vem memorias,
Gósto de misturar, de ver conforme
O luto meu da Natureza ao luto.
Dos seccos bosques, dos raminhos murchos
Me apraz pizar fragmentos, só, e errante.
Dias de embriaguez, e de lmcura,
Os mentirosos dias já voáráo;
Terna Melancolia, a ti me entrego,
Vem, mas não de atras nuvens carregada,
Onde se envolve a tenebrosa Angustia:
Por entre véo ligeiro a vista branda
Dirige à Terra, aos Ceos, como no Outono

Os vapores traspassa hum lilio dia;
Traze, nh dos Vates, dos Amores socia,
Sereno o rosto, os olhos pensativos,
E a deleitosas lagrimas propensos.
Mas em quanto minha alma se apascenta
Nestas idéas, mil floridas castas
De fragantes, de tremulos arbustos
Chamando estão por mim. Vem, lindo Povo,
Tu entre a arvore, e a flor tu és o meio,
E's como a transição. Teus delicados
Caracteres agora a scena enfeitem.
Oh! se nao me instigasse o largo assumpto,
Se no tempo, que me espera, eu nao corresse;
Que jubilo teria em dirigir-vos!
Eu vos reproduzira, eu vos mostrára
Em cem fecundas fórmas, eu faria
A' sombra vossa murmurar correntes,
Vossa rama em abóbadas travara;
Envoltos nestes vividos almeiros,
Irjao serpeando os vossos braços
Pelos rigidos troncos, e serinis
O symbolo da graça, unida á força,
Fundira, approveitára as vossas côres:
A azul ferrete, a encarnada, a branca;
Dos olhos as delicias alternando,
Vossos penachos, cálices, e flores,
Formar viriao meus brilhantes quadros,
E o mesmo Vanhuysum mos invejára.
Tu, que estes férteis dons dos Ceos houveste,
Com arte economiza arbórea pompa:
Favores seus ao's Estações reparte,
Co'as côres, e os perfumes cada arbusto
Por seu turno appareça, e nunca murche
Na fronte do Anno a flórida capella.
Assim como elle o teu jardim varia:
Cada mez tem seu bosque, e cada bosque
A sua Primavera... ah! cedo extincta!
Tua industria, porém, da sua instavel,

Curta riqueza consolar-nos póde.
Com prudencia estas arvores plantadas,
Quando flor não tiverem, graça tenhão.
Tal, dilatando o imperio de seus olhos,
Já na declinação dos annos bellos,
A destra Ulina me seduz, me enléa.
Da inclemencia dos ares a despeito,
O Ceo não desherdou de todo o Inverno;
Então dos ventos provocando a raiva,
Não poucos vegetaes conservão folhas.
Olha o Teixo, olha a Era, olha o Pinheiro,
O pungente Azevinho, o sacro Loiro,
De verdura immortal, que a Terra vingão,
Vingão dos Aquilões a Natureza.
De purpura, e coral, vê fructos, bagas;
Que esmalte aos ramos dão! Seu atavio
Sobre os despidos Campos lisonjêa:
Por menos esperado he mais formoso.
Os teus Jardins de Inverno assim pavôa;
Lá de hum benigno dia a luz te affaga.
Lá, quando em outra parte he nua a Terra,
O passarinho adeja, e se diverte
Inda debaixo de viçosas folhas:
O sitio o illude, não conhece o tempo,
Vêlla imagina, e canta a Primavera:
Assim, sem ser ficticia a Estancia agrada.
Mas os Jardins dos Reis com que artificio,
Com que apparato esplendido triunfão
Dos sanhudos Invernos! Sempre verdes,
Oh Mouceaux! Teus jardins são disto exemplo;
Troncos fingidos de arvores ausentes,
Grutas de encanto, mágicas latadas,
Tudo alli rouba os olhos. Afrontando
A rispida Estação caliginosa,
A nascer entre o gelo aprendo a rosa.
Milagres alli domão tempos, climas,
Das Fadas o poder alli se antolha.
Mas não são todavia estes encantos

Dos Jardins o melhor, mais doce ornato.
Cedo o costume te desorna os bosques,
Quando os Estranhos tuas sombras gostão
Jaz muitas vezes descontente o Dono.
Meios não ha, cuja virtude occulta
Sempre a teus bosques a affeição te avive?
Oh! quanto dos Lapões me apraz o estilo!
Oh! como enganão seus Invernos duros!
O Til soberbo, os Olmos reforçados,
Temem daquelles Campos o regelo;
De alguns tristes Pinheiros, negros, bravos
Indigente, escassissima verdura
Apenas a geada alli penetra.
Mas o minimo arbusto, que poupassem
Aquelles agros climas, ante os olhos
Dos habitantes seus tem mil feitiços.
He consagrado a filho, a pai, a amigo,
A Hospede que parte, e deixa prantos,
Deixa saudade eterna, e de algum delles
O nome, sempre caro, á Planta fica.
Tu, de quem puro Ceo clarêa a Patria,
Imitar podes tão feliz industria:
Ella animará tudo, arvores, bosques
Não serão mudos, não serão desertos:
Hão de immensas memorias habitallos,
Gostos distantes adornar-lhe as sombras.
E quem prohibe, se o favor dos Numes
Com doce prole teus desejos farta,
Quem vêda consagrares esse dia
Com troncos de nascente bosquezinho..!
Mas em quanto estes versos, Musa, entôas,
Que popular clamor aos ares sobe!
Nasceu, nasceo o herdeiro aos Reis da Gallia!
Nos muros, nas falanges, sobre as ondas,
Nosso terrivel, triunfante raio
Trôa, corre, e aos dois Mundos o annuncia.
Flores são pouco para ornar-lhe o berço,
Os loiros lhe trazei, trazei-lhe as palmas;

Raiem dias de gloria ante o primeiro
Volver dos olhos seus; nascido apenas,
Da Victoria oiça o hymno; eis o festejo
Que ao puro sangue dos Bourbons se deve.
E tu por quem tal dom dos Ceos nos veio,
Tu, nó inimuso, tu prizão querida
Do Germano, e Francez, que Irmão, e Esposo
Unes como odorifera grinalda
Que enlaça dois Ulmeiros magestosos;
Consorte, Mai, e Irma, teus fados ligão
O Penhor de Hymenêo da Morte ao luto,
Em teus olhos misturão pranto, e riso,
Dando te o Filho quando a Mai te roubão,
Nos transportes que influe este aureo dia,
Ousem Almas ferventes, creadoras
Animar os pincéis, a pedra, a lyra;
Dos Campos eu cantor, e humilde amigo,
Irei onde os Favonios, onde Flora
Sós te compõem a deleitavel Corte,
Irei a Trianon: alli risonho
Em unico tributo á Prole tua
Arvores sagrarei da sua idade,
Hum bosquezinho que lhe deva o nome.
Verão teus olhos avultar o amavel,
O simples monumento, aquelles troncos,
Dos bosques teus o mais suave ornato;
E com elles crescendo, recrear-se
A's sombras fraternais irá teu filho.
Gozas, emfim, e o coração, e os olhos
Feliz Possuidor, já se embellezão
Nos arvoredos teus. Tambem desejos
Unir ao gosto a gloria, obter a palma
Nesta arte singular com que os decoras?
De creador merece, alcança o nome.
Olha como em segredo a Natureza
Sempre está fermentando, e como sempre
A precisão de produzir a anceia.
Não lhe acodes? Quem sabe que thesoiros

Inda em seus cofres para a Industria guarda?
Cumo esta a seu arbitrio as ondas guia,
Póde guiar o succo: outros caminhos,
Outros canaes a seu liquor franquéa.
Por novos hymenéos fecunda os Campos,
Das seibas virgens exprimenta o mixto,
De seus dons mutuos favorece a troca.
Quantas arvores, fructos, plantas, flores
Tem mudado o perfume a côr, e o gosto,
Tudo por arte! O Pregueiro a estas
Metamorfóses sua gloria deve.
Assim com triple cróa a cusa brilha,
De seu penacho assim blasonia o cravo
Ousa. Deos fez o Mundo, o Homem o adorna.
Se a tão bellas conquistas não te afoitas,
Cobiças d'outro Ceo têns mil riquezas.
Usurpa esses thesouros. Tal, mais brando
Vencedor, e mais justo nos seus roubos,
O Romano soberbo á Ausonia trouxe
Syrias ameixas, o damasco Armenio,
Da Gallia a pera, e fructos mil diversos:
Assim devêra subjugar-se o Mundo.
Lá quando d'Asia triunfou Lucullo
O bronze, o oiro, o marmore assombravão
De Roma os olhos, e entretanto o Sabio
Prezou ver-lhe nas mãos a cerejeira
Conduzida em triumfo ao Capitolio.
E esses mesmos Romanos já não virão
Nossos Avós, em batalhões armados,
Debaixo de outros Ceos mais hemfazejos
As vinhas ir buscar, votando a Brómio
Tintos pendões em nectar dos Vencidos?
Co' fruto das beligeras emprezas
Excandecida a Turba, os preciosos
Troféus, cantando, aos Lares seus trazia.
As cabeças o pâmpano cruava,
O pâmpano em festoens cingia as lanças.
Desta arte o Numen, vencedor do Ganges,

Tornou triunfante: serranias, valles
Da vindima o fervor solemnisavão,
E por onde corria o mago metar
Folgavao brincos, e o prazer, e a audacia.
Netos dos Gallos, os Avós se imitem;
Roubemos, disputemos taes despojos.
Nesses jardins, altivos de regrilus
A mão, que a Themis empunhara o Sceptro,
Malesherbe, o facundo, o digno ramo
Dos Lamnignons, com troncos orgulhosos
Honra, abastece o chão: trazidas Plantas
Dos fins da Terra, das equóreas margens,
De alcantilados cumes de agras serras,
Das portas do Nascente, e das do Occaso;
Plantas, que açoita o Sul, que açoita o Norte,
Plantas, filhas do ardor, filhas do gelo,
Me fazem, n'um lugar, correr mil climas.
Vago, entre aquella Multidão florente,
Asia, America, Europa, Africa, o Mundo,
Regozijadas de se ver no meio
Das velhas plantas unssas, amao todas
Nosso amoravel Ceo, e estranhas Gentes
Reconhecendo as arvores da Patria,
Duvidão já da sua ausencia, ao vellas,
Ou de terna saudade os gulpes sentem.
Moço Potaveri, tu disto es prova.
Dos Campos d'O-taiti, daquelles Campos,
Tão caros, n'outro tempo á sua infancia,
Onde he sem prjo Amor, Amor sem crime,
Este ingenuo, selvatico Mancebo,
Trazido a nossos muros, pranteava
Sua antiga, innocente liberdade,
Ilha risonha, e jubilos tao faceis,
Do esplendor das Cidades sim pasmado,
Mas farto dellas, vezes mil clamava:
Dai-me as florestas minhas: eis que hum dia
Nesses jardins, onde Luiz congrega,
Dispoem n'um sitio só, e a custo immenso,

Os Povos vegetaes de tantos climas,
Cuma espantados de crescerem juntos,
De lugar, e estação mudando a hum tempo,
E cultos a Jussieu revelendo todos;
Nesses jardins o Indiano vagarava,
Olhando as varias, originaes Tribus,
Quando entre estas Colonias viçejantes
Lhe fere os olhos arvore que o triste
Desde os primeiros annos seus conhece.
Súbito, desatando agudos gritos,
A ella corre, abraça-se com ella,
Beijos a cobrem, lagrimas a inundão.
Objectos mil de inexplicavel gosto,
Os Ceos, os Campos que diuoso o virão,
Ceos tão formosos, tão formosos Campos?
Os rios que fendeo em'as mãos nervosas,
Matas por onde os brutos habitantes
Tão destro assetava, as bananeiras
De sombras, e de frutos abastadas,
O patrio asylo, os bosques circumstantes,
Que aos cantares de amor lhe respondiao,
Julgou ver, e a sua alma enternecida
Hum momento sequer gozou da Patria.

FIM DO CANTO II.

NOTAS

DO

CANTO II.

(PAG. 30. *vers.* 29.)

Sempre verdes,
Oh Monceaux, teus Jardins são disto exemplo.

O Jardim de Inverno do Duque de Chartres, he com effeito, hum encantamento. A estufa especialmente he huma das melhores que se conhecem.

(PAG. 34. *vers.* 26.)

Moço Potaveri, tu disto és prova, etc.

Este o nome de hum Habitante de O-taiti, conduzido a França por Bougainville, célebre pelo seu valor, e constancia em varias acções, e gloriosamente conhecido quer por Navegante, quer por Militar. O passo que se refere, do Mancebo Otaitiano, he mui notorio, e interessante. Só o que fez o Author foi alterar o lugar da Scena, que fingio no Jardim Real das Plantas. Quizera pôr em seus versos toda a sensibilidade que respira nas poucas palavras que o Moço proferio, abraçando a arvore que havia conhecido, e que lhe recordou a Patria. — He O-taiti — dizia elle —, e olhando para as outras arvores, — Não he O-taiti. — Assim estas arvores, e a sua patria se identificavão no seu espirito. Julgou o Author que este lance tão terno, e tão novo, poderia ministrar hum bello Episodio.

(PAG. 34 *vers.* 29.)

Ónde he sem pejo Amor, Amor sem crime.

Observou-se em todos os Povos, onde a Sociedade tem feito certos progressos, huma certa innocencia nos costumes, muito diversa do resguardo, e do pejo que sempre acompanhão a virtude nas Mulheres das Naçoes polidas. Na Ilha de O-taiti, na maior parte das outras do Mar do Sul, em Madasgacar, etc as casadas julgão dever-se exclusivamente a seus maridos, é quebrão raras vezes a lealdade conjugal; mas as solteiras não escrupulisão em se entregar até á paixão momentanea que os homens lhe inspirão. Não se sujeitão nem nas palavras, nem nos modos, nem no vestido ao que olhamos como deveres do sexo feminino. Mas isto he nellas simplicidade, nao he corrupção: não desprezão as normas da decencia, ellas as ignorão. Nestes Paizes a Natureza he grosseira, mas não depravada. Eis o que se intentou exprimir naquelle verso.

OS JARDINS;

POEMA.

CANTO III.

Eu cantava os jardins, vergeis, e bosques,
Eis sólta vezes tres Belona o grito,
Eis dos paternos Lares arrancado,
Vôa o Francez Guerreiro a estranhos mares,
E de Venus, Mavorte as selvas deixa.
Vós, á Paz innocente affeiçoadas,
Deuses dos Campos, nao temais a guerra,
Quer o grande Luiz não destroir-vos,
Mas ao longe estender o imperio vosso;
Quer que ingre tranquillo o que semêa
Hum Povo amigo longamente oppresso.
E vós, Mancebos, que outro Mundo admira,
Se por cima de innidas voragens,
A York o vosso arbor seguir nao posso,
Para quando volteis aperfeiçoa
Jardins a Musa minha. Ordeno ás flores
Que para as frontes vossas vão crescendo.
Aprompto para vós de myrto as croas,
O murmureo das agoas vos preparo,
E gramineo tapiz, e asylo umbroso,
Sentados molemente, ao Lethes dando
Fadigas marciais, direis a gloria
Das nossas forças bélicas, e entanto
Entre esperanças, e temor suspensos,
Confundirão, tremendo, os filhos vossos

Co' a presença do prigo a imagem delle.
Amador dos jardins, eia, acabemos
De pulir estes placidos abrigos.
Infecundo areal, é secco, e triste,
Nelles o dia reflectindo outr'hora,
Importunava os pés, causava os olhos.
Tudo era ardente, e núu; mas inglaterra
Nos ensinou cum que arte o chão se veste,
Ni relva cuida, pois, que os campos brotão.
O regador na dextra, um nella a fouce,
Lhes mate as sedes, lhes tusquie as tranças.
As leivas o cylindro pize, aplane;
Sempre, escolhidas bem, bem apertadas,
Bem libertas da erva usurpadura,
Qual macia lanugem finas sejau;
Repare-se-lhe às vezes a velhice;
Mas, comtudo, aos logares não remotos
Se reserve este luxo de verdura:
Do resto se compunhan ricos pastos,
E sómente o cultivem leus rebanhos.
Terás desl'arte numerosas crias,
Os Campos adubio, os olhos quadros,
Não te envergonhe, pois, (e grito embora
O orgulho) não defendas que em teus parques
Entre a Vacca fecunda, o Boi ta diu;
Nem deshonrão teus parques, nem meus versos,
Muito pouco he, porém, crear sómente
Esses lanizes vastos, e viçosos:
Cumpre que saibas escolher-lhe as formas.
Longe a monotonia, ah! longe delles:
Em quadrada feição, feição redonda
Tristemente op, rimidus us não querio,
Hum ar de liberdade he seu primeiro,
Gracioso attractivo: ora nos bosques,
Cuja sombra os abraça, elles se escondão
Com visos de mysterio, ora esses mesmos
Bosques venhão buscallos. Esta a forma
Da campestre alcatifa, pura, e simples,

Amas o bello? A Natureza imita,
Que esmalta os prados de opulentas cores:
Dá-te pressa; os jardins te pedem flores.
Flores mimosas, candidas boninas,
Por vós lhe mais gentil a Natureza.
Nos quadros por modelo a arte vos toma;
De terno recreação sois dons singelos,
Que arrisca Amor, e que a Amizade offrece.
Em doirada madeixa, em nivoso seio
Requinta-se comvosco a formosura;
Que a Victoria adorneis permitte o Louro,
Do virgineo pudor tambem sois premio.
O mesmo, o mesmo Altar, onde repousa
A Grandeza de hum Deos, na Primavera
Com vossas oblações se aromatiza,
E a Religião, sorrindo-se, as acolhe;
Mas tendes nos jardins o domicilio.
Do Sol, da Aurora vinde, pois, oh filhas,
Decorar o theatro a nossos campos.
Comtudo, não cuideis que, insano Amante,
Em vez de vos travar, em vez de unir-vos
Em bramidos, amorosos ramilhetes,
De canteiro em canteiro, attento espere
De cada nova flor o nascimento,
E lhe espie o matiz, lhe observe as côres.
Sei que em Harlem ha curiosos tristes,
Que em seus jardins ao'as flores vão fechar-se,
Que, por ver hum ranunculo, despertão
Antes d'alva, e que adorão, qual prodigio,
Anémona exquisita, um que, invejando
De hum rival o segredo, a peso de oiro
Comprão de hum cravo as manchas. Deixa aos loucos
Seu maniaco amor: possuão, gozem
Embora quaes cinicos quaes avaros.
Sem de arte caprichosa as leis seguirdes,
Vós, dos olhos praser, do campo adorno,
Flores, pintai a superficie a Terra;
Mas a vossa beleza, o mimo vosso

Entre curtos limites não se estreitem.
Em toda a parte esses thesoiros brilhem:
Ora aos tapizes a verdura esmaltem,
Ora de hum lado, e d'outro enfeitem ruas;
Em mesclados festoes cercai ramadas,
Agoas orlai em lucidos Meandros,
Ou com vosco estes muros se alcatifem,
Ou, querendo escolher vossos perfumes,
Gyre, indecisa, no açafate a abelha.
Seguindo-vos Rapin nas quadras todas,
Nenhum matiz, ou nome vosso esqueça;
A tão frias, cansadas mindezas
Oppõem-se o Deus do gosto. Mas quem póde
Negar o obsequio, a preferencia á rosa,
A' rosa, de que Venus bosques tece,
Cruas a Primavera, Amor seus mimos?
A' flor de Anacreonte, a flor que Horacio
Nos dias festivais engrinaldava?
Mas tão risonho objecto em demasia
Apraz aos meus pinceis, cujo destino
He quadros desenhar mais vigorosos.
Oh vós, de que eu trilhava o chão florido,
Bosquesinhos, adeus, adeus oh prados.
Attrahe minha attenção o informe aspecto
Dos rochedos sem regra desparzidos.
Foi sua alta rudeza em outros tempos
Banida dos Jardins, onde reinava
A inêrte, semsabor monotonia.
Mas depois que o Pintor, leis dando nelles,
Contra acanhado Artifice restaura
Totalmente o seu jus, emfim se atrevem
A apossar-se os jardins destes effeitos.
Por mais graças, porém, que venha dellas,
Se estas rigidas massas magestosas
Não offrece o terreno, então debalde,
Presumpçosa Rival da Natureza,
A Arte em falsas imagens se apurara,
Do cume dos Rochedos verdadeiros,

Da Mãi universal morada inculta.
Ella escarnece de affectadas penhas,
Mísero aborto de fadiga inutil.
Aos Campos de Mulléton, ás Montanhas
De Dovedale, te acompanho os passos,
A ellas, Whatell, comtigo subo.
Que aprazivel terror me assombrêa!
Todos esses rochedos, variando
Os cimos collossais, arremessados
Aqui aos Ceos, alli para os abysmos,
Hum por outro amparados, hum sobre outro,
E no ar ousadamente alguns suspensos;
Este em armada, em torre affeiçoado,
Aquelle pelo pórtico sombrio
Deixando perceber ao longe o Polo;
Além mananciais, aqui regalos
De limpida corrente, alegre, e mansa,
Tudo, ah! tudo no espirito revolve
Os mágicos retiros, que os Poetas
Cantárão, fabulando. Oh quão ditoso
Serás se teus jardins afformosêas
Com estas grandes, alterosas vistas!
Mas para que a teu quadro bem se ajustem,
Contra a tôsca energia dos rochedos
Cumpre de encantador ter a eficacia.
O encadador he a arte, o encado os bosques;
Ella falla, os rochedos eis se assombrão.
E como que os enfuna a pompa estranha.
Porém, sua aridez austera ornando,
Sagaz diversifica os teus plantios.
Ao cubiçoso espectador offrece
Das formas, e das côres os contrastes;
Saião por entre as arvores a espaços
Os mais bellos rochedos: interrompe
Summa igualdade, esconde, ou patentêa!
Variem-se co'as arvores as róchas,
As arvores co'as róchas se variem.
Não tens tambem, para formar-lhe a gala

Não tens do baixo arbusto a folha errante?
Gósto de ver os doceis movedios
Pelos áridos flancos dos penedos
Em tenuinhos festões ir serpeando;
Gósto de ver-lhes a escalvada fronte
Toucar-se de verdura, e guardar sombras.
Isto ainda he pouco. Hum valle entre estas penhas,
Hum valle precioso, hum chão mais gruto
Ri se a teus olhos? Aproveita-o, mostra,
Expoem esta riqueza inesperada.
He feliz, singular este contraste,
He a estirilidade, ella, que hum breve
Espaço apetecivel de terreno
Cede á fertilidade: assim subjugas
O aspérrimo caracter dos rochedos.
Para agradar te he força ornallos sempre?
Não; se a arte deve o horror sempre minorar-lhes,
Consente ás vezes que o pavor inspirem,
Favorece-os até. Na extremidade
De hum precipicio huma cabana eleva,
E com ella augmentado elle parece:
Ponte audaz de hum rochedo a outro lança;
Eu tremo ao vêllos, e a medonho abysmo
Imminente me poem a fantasia.
Lembrão me esses contos populares,
Os casos de perdidos Passageiros,
D'Amantes despenhados: contos velhos
Que, prendendo attenção maravilhada,
A' credula Aldeã serões encurtão;
E o terror do lugar ajuda a crença.
Porém com sobriedade usar se deve
Destes grandes effeitos. A tão duras,
Tão agras commoções, abalos doces,
Molle socego o coração prefere:
Eu exprimento em mim que das montanhas
Me he preciso baixar aos ledos valles.
Tenho-os de flores, de arvores coberto:
Tempo he que á sombra dellas manem agoas.

Bem: já que os cimos vossos, nas outr'hora,
Pelas minhas lições estão vestidos
Tão ricamente, oh róchas, franqueai-me
As subterraneas, intimas origens:
Rios, arroyos, vós, vós, lagos, fontes,
Vinde, espraiai frescura, e vida em tudo.
Ah! Que prazer substituir-vos póde?
Vosso contente, luzidio aspecto
Se de perto entretem, convida ao longe.
Sois o primeiro objecto que se busca,
O ultimo que se deixa. As agoas vossas
Fertilizando a Terra, o Ceo duplicão.
Os ouvidos encanta, encanta os olhos
Vosso cristal, vosso murmúreo. Ah! vinde;
Dado seja a meus versos, que vos seguem,
Correr do coração mais tentadores,
Mais abundantes que o principio vosso;
Mais leves do que os Zéfyros, que dobrão
Vossos canaviais; e brandos, puros
Como esse rumorzinho, essa corrente.
Tu, senhor destas agoas benfeituras,
Venera-lhe o pendor, té o capricho;
Nos livres gyros seus vê como abração
Facilmente das margens os contórnos.
E ousas, encarcerando lhe a brandura,
Os tortuosos passos constranger lhe!
De que lhe serve o marmore em que he preza?
Não vês co'a longa trança entregue aos ventos,
Sem arte alguma, sem postiço adorno,
Campestre, prazenteira, ingénua Moça
Andar, correr, saltar! A graça della
Está no solto, natural meneio.
Contempla n'um Serralho a Formosura,
Ella deslumbra em vão, debalde ostenta
A pompa oriental, brilho estudado:
Hum triste não sei que, na face impresso,
Lhe argue a sujeição, desbota as graças.
A agoa mantenha a liberdade que ama,

Ou muda-lhe em belleza o cativeiro.
Assim, contra Morel, cuja eloquente,
E ponderosa vóz pleitear soube
Os direitos da simples Natureza,
Gósto das agoas, que em canaes opressas,
Com rápida violencia partem, saltão,
Ao ver esses cristaes, que arte atrevida
Da Terra faz brotar, e aos ares lança,
O Homem diz: «eu criei estes portentos!»
E em tais prestigios a arte sua admira.
Nos custosos jardins dos Reis, dos Grandes
Reluzão, pois; mas, outra vez o digo,
Longe os luxos plebéos, o vergonhoso,
Mesquinho jácto de agoa, que da Terra
Mal ousando arredar-se, apenas sóbe,
E em minima distancia morre logo.
Tudo a tanta riqueza corresponda;
Tudo grangêe á roda hum ar de encanto.
Os olhos persuade, e o pensamento
De que vara eficaz em mão de Fada
Formára para a Dona este retiro.
Tal eu vi de Saint Cloud o amavel bosque.
Póde a vista medir do jacto a altura?
Como que aplaudem tanques, grutas, plantas
As agoas, que sobre agoas cahem, fervem;
O ar he mais fresco alli, mais verde a relva,
Das aves o gorgeio alli se aviva
Ao som das vitreas ondas, que baquêão;
E, as rociadas testas inclinando,
Como que ao doce orvalho os bosques se abrem.
Não menos bella, mais campestre, e simples
A cascata ornará lugar mais tosco.
De longe se ouve, admira-se de perto
Lympha sempre a cahir, sempre suspensa;
E vária, e magestosa, anima a hum tempo
Os rochedos, a terra, agoas, e bosques.
Emprega, pois, esta arte; porêm longe
Esses tristes degráos, onde, cahindo

Com movimento igual, medida certa,
As ondas, bem que vão precipitadas,
Até no seu furor seus passos contão.
Só tem jus de aprazer a variedade.
  Goza mais de hum caracter a cascata.
Ora em tumulto as agoas despenhadas
No tortuoso leito, correm, cahem,
Saltão, recahem, e escumão, e esbravêão,
Ora de espaço desdobrando as ondas,
Puro, calado, remansinho ameno
Em azul véo se esparge. Os olhos folgão
De ver estes gentis Anfiteatros,
De ver sobre as ceruleas espadanas
Reflectir, scintillar o oiro diurno;
Tambem lhe apraz a escuridão das penhas,
Ea verdura das canas, e a espumosa
Argentea côr das agoas fugidias.
  Consulta, pois, Artifice, os effeitos
Que intentas produzir. As tymphas, promptas
Sempre a deixar guiar se, hão de offrecer-te,
Quer mais impetuosas, quer mais lentas,
Quadros benignos, ou soberbos quadros,
Graves, ou deleitosos: quadros, n'alma
Sempre efficazes. Que mortal não pròva
A profunda impressão que vem das ondas?
Sempre, ou viva corrente arrebalada
Sobre seixos murmure, e ferva, e salte,
Ou ribeira indolente sobre o lodo
Em paz alargue as agoas preguiçosas,
Ou torrente feróz entre penedos
Quebre com rijo estrondo, alegre, triste
A sua correnteza excita, applaca,
Ameaça, ou anima. Escuto á fama
Que de Venus o cinto milagroso
Amores, e desejos incluia,
E o prazer, e a esperança, precursôra
De inefaveis delicias. O teu cinto
He, divina Cybele, he agoa: nella,

Não menos poderosa, estão complexos
Terror, perturbação, tristeza, e riso.
Quem melhor o sentio do que a minha alma?
Quem o soube melhor? Mil, e mil vezes
Quando azedas, escuros prazadumes,
Inda mais pela noite enegrecidos,
Vinhão martyrisar-me o pensamento,
Se ouvia os passos de visinho arroyo,
Demandava estes seus consoladores.
Das agoas a frescura, a vóz das agoas
Cuidados, afflicções me adormecião,
E a paz do coração resuscitava:
Tanto d'agoa o murmurco n'alma influe!
Em paga de tão gratos beneficios,
Sofre, oh ribeiro, que a arte, sem, comtudo,
Muito se assoberbar, te aformoseé,
Se lhe que aformosear-te acaso póde.
Não quadra a vasto plano hum rio escasso:
Seu leito incerta linha alli traçára,
A timida corrente á luz se furta,
E quer banhar hum bosquezinho escuso.
Sua doce carreira adorna as selvas,
Só ellas o namorão. Seus caprichos
Lá com todo o vagar seguir-se pódem,
Seus gyros, seu pendor, seu lindo estorvo,
A cólera, o fervor das bellas ondas,
Tornadas pelo obstáculo mais bellas,
Ora n'um álveo concavo, e sombrio
Co'a ramada que o cobre, elle recata
O cabedal agreste, ora presenta
Em patente canal o espelho á vista:
Sem vello o esculo, ou sem ouvillo o vejo:
Alli meigos cristais abração lilias,
Além se torna em dois o leve arroyo,
Em dois, que nas carreiras competindo,
Apóstão rapidez, e claridade;
E ambos depois no leito, que os ajunta
De andarem par a par murmurão ledos,

Errando sempre assim, de volta em volta,
Mudo, lognaz, pacifico, agitado,
Em mil varios aspectos se renova.
Mas copiosa ribeira ás frescas margens
Me está chamando. Em campo mais aberto,
Nobre, e pomposo quadro, as ondas suas
Ondas menos modestas, vão rolando,
E co' fulgur diurno ao longe brilhão.
Deixa ao regato seu prazer lascivo,
A sua agitação, e os seus rodeios;
E segue candelosa a curvidade,
O circuito dos valles sinuosos.
Se dos bosques o arroyo adorno colhe,
Ama o rio tambem diversas plantas,
Quer que lhe ornem, lhe assombrem a corrente,
Os decorados chûpos, e os salgueiros
Meios verdes. Que origem tão fecunda
De scenas, de accidentes! Alli gósto
De olhar-lhe derrubadas sobre o rio
As ramas, e tremer ao movimento
Das agoas, e dos ares; aqui foge
Por baixo das abobadas virentes
A onda escurecida; além penetra
Por entre folha, e folha hum tenue lume,
Ora as grenhas se embebem na corrente,
Ora a impede a raiz; e desmandando
De huma para outra margem a verdura,
Como que avanção, que outro sitio querem.
Assim as ondas, e arvores se ajudão,
A agoa remoça a planta, a planta a enfeita;
E ambas fazem, ligando-se em mil fórmas,
Amavel cambio de frescura, e sombra.
Unillas sabe, pois, ou se em lugares
Formosos, proprios della, a Natureza
Já celebrou sem ti este consorcio,
Respeita-a. Desgraçado o que presume
Excedella no engenho! He tal (o á mente
O coração mo traz) tal he o asylo,

Querido Watelet, onde, amansando,
Em sombrios canais se pacle o Sena,
O Sena encantador, tão puro, e livre
Como a tua moral, como os teus dias,
E visita em segredo o lar de hum Sabio.
Com arte lhe acendiste, não com arte
Temeraria, fallaz; profanadora
Desses lugares que supõe que adorna.
Viste, amaste, sentiste a Natureza,
Digno de a ver, de amalla, e de sentilla;
Tu a trataste como infanta Virgem,
Que da nudez se corre, e teme o ornato.
Parece-me, que vejo o falso gosto
Estragar esses campos feiticeiros:
«Este moinho, cujo som ruidoso
Nutre a meditação, he importuno:»
Dalli o arrancão subito. Estas margens
Torneadas assim tão brandamente,
E pelo proprio Sena afeiçoadas,
Duramente se alinhão. A verdura,
Que no seu molle cinto o rio encerra,
Alli já não florece. Aguas queixosas
Seus lageados cárceres accusão.
O marmore fastoso a relva ultraja,
E lisqueadas arvores cativas
Os idosos salgueiros desapossão
Da margem linda, e cara. Ah! suspendei-vos:
Barbaros; acatai esses lugares;
E vós, oh rio, oh bosques deleitosos,
Se a vossa formosura hei retratado,
Se, adolescente ainda, alegres versos
A's agoas, prados, sombra já tecia,
Ministrai longamente, oh rio, oh bosques,
Ao vosso possessor a doce imagem
Da paz sagrada que em sua alma reina.
Quanto na molle agilidade o rio
De margem angular teme a aspereza,
Tanto as margens agudas ornamento

São de estendidos lagos, e o mais bello.
Ora se avance a Terra ao seio undoso,
Ora abra ás ondas domicilio fundo.
Com revezado amor assim se chamem,
Se busquem mutuamente Agoas, e Terra:
Nestes varios aspectos folga a vista.
A comprida extensão n'um lago se ama;
Da-lhe sitios, comtudo, em que repouse.
Não se lhe interrompendo a immensidade,
Meus olhos sem prazer, sem interesse
Vão pela superficie escorregando.
Para lhe abreviar o espaço insulso,
Edificio, das calmas venerado.
Nas ondas repetido assome ao longe.
Ou Ilha que verdeje entre ellas surja:
As Ilhas são das agoas summo adorno.
Ou levanta-lhe as margens, ou viçosas
Arvores, em festões dispersos, ganhem
Tua contemplação, teus olhos prendão.
Se queres produzir opposto effeito,
Se o lago estender queres, manda ás margens
Mui subidas, que desção, e ou distancia
Mais arredada os arvoredos tenhão,
Ou faze com que as agoas vão sumir se
N'um denso bosquezinho, e que tornêem
Ao pé de huma colina. O pensamento
Por entre estas cortinas de verdura,
Onde desaparecem, vai seguindo
As agoas, e as prolonga. Assim teus olhos
Gozão do que não vem: dest'arte o Gosto
Lindezas, perfeições confere a tudo;
E de objectos que inventa, e dos que imita
Descobre, alonga, aperta, esconde o termo.
Agora que a Arte o meu trabalho insulta
Em soberbos jardins, nos meus, ditosos,
Liberdade, e prazer tudo respira:
Rindo-se a relva, a seu sabor viceja,
Independente o bosque, altêa a rama;

Não temem a tisoira as arvores,
Nem flores a esquadria; amão as ondas
As margens suas, seu adorno a Terra;
Tudo he formoso alli, simples, e grande,
Tudo: esta arte he a tua, oh Natureza.
Porém o lago, o rio estão desertos,
De Cidadãos se lhe povôe o seio.
Dem-se-lhe as aves, que com agil remo
Alados navegantes, a agua fendem.
Nella se pavonée, e nada o Cysne,
De vanglorioso côllo, argêntea pluma,
O Cysne, a que a Ficção deo vóz tão doce,
E que escusa das Fabulas o auxilio.
Tambem não tens para animar as agoas,
Oh Arte, esse apparato vacilante
Dos mastros, e das vélas? Impelida
De remo compassado, a leve barca
Deixa apenas, fugindo, hum tenue rasto,
Que logo se esvaece. Entumecido
Dos Favonios azuis, sussurra o pano,
E em cada bandeirinha os ares brincão.
Pois se a Novela, a Fabula, ou a Historia
Huma fonte, hum ribeiro consagrárão,
Da sua gloria antiga olles ufanos,
Assás se aformosêão, se alavião
Com suaves memorias. Ah! Quem póde,
Descobrir, encontrar, sem commover-se,
Arethusa, o Liguon, Alfêo? Quem póde
Sem cordial saudade olhar Vauclusa?
Vauclusa, encantamento irresistivel
Dos Vates, e inda mais dos Amadores,
No circulo de Montes, que, encurvando
Sua cadeia, com liquor sadio
Te alenta a subterranea, duce origem,
Lá debaixo da abobada nativa,
Do antro mysterioso, onde, esquivada
A Nynfa tua aos olhos cubiçosos,
Sôme em fundo insondavel teu principio,

Oh quanto me foi grato o ver-te as agoas,
Que, sempre crystallinas, sempre bellas,
Ora n'um lago seus thesoiros fechao,
Ora sobem, fervendo, e lanção fóra
Ondas, a branquejar por entre as penhas;
De cascata em cascata ao longe pulão,
Cahem, e rólão com impeto estrondoso;
A cólera depois amaciando,
Por leito mais igual vao docemente;
E debaixo de Ceos sempre azulados
Por cem canais fecundão valle ameno,
Ameno qual nenhum que os Sóes aclarão!
Mas estes puros Ceos, estas correntes,
Este delicioso, e pingue valle,
Menos o coração me penhoravão
Do que Petrarca, e Laura. Eis (eu dizia,
Eu dizia a mim mesmo) ah! Eis as margens
Que a lyra de Petrarca suspirosa
Outr'hora enfeitiçou! Aqui o Amante
Via, exprimindo a Laura os seus amores,
Vir devagar o dia, ir-se depressa.
Inda sobre estasròchas solitarias,
Inda, acaso, acharei das cifras de ambos
Unidos, maviosos caracteres?
Tornão meus olhos desviada Gruta:
Ah! dize-me se os vistes venturosos,
Guarida opaca? (eu pronuncio) Hum tronco
Toldava encanecido á fonte á margem?
Laura dormido havia á sombra delle.
Alli por Laura perguntava aos Ecos,
E os Ecos o seu nome inda sabião.
Buscaveis, olhos meus, Petrarca, e Laura
Em toda a parte, e em toda a parte os vieis.
Erão já morte, e cinza os dois Amantes,
Mas inda com seus Manes amorosos
Mais bello se tornava o silio bello.

FIM DO CANTO III.

NOTAS

DO

CANTO III.

(PAG. 41. *vers.* 26.)

Sei que em Harlem ha Curiosos tristes,
Que em seus Jardins co'as flores vão fechar-se.

Harlem he Cidade de Hollanda, onde se commercêa muito em flores, e sabe-se a que extravagancia tem chegado os Floristas no amor á raridade, e ás posses exclusivas.

(PAG. 42. *vers.* 38.)

Do cume dos Rochedos verdadeiros, etc.

Em geral, não se podem imitar bem os rochedos, nem todos os grandes effeitos da Natureza. Ella não consente á Arte emprehender estes atrevimentos, salvo quando combate com todos os esforços, e cabedaes do engenho, e da opulencia. Assim se formou, segundo os desenhos de Robert, o soberbo Rochedo da Versailles, cujo effeito só o póde adivinhar a fantasia, que o vê d'ante não tocado de vistosas arvores, e ornado de toda quanta verosemelhança, e belleza póde só dar-lhe o tempo.

(PAG. 43. *vers.* 4.)

Aos Campos de Midlélon, ás Montanhas
De Dovedale te acompanho os passos,
A ellas, Whateli, comtigo subo.

São dois sitios de Inglaterra, famosos pela fórmas pictorescas da sua cadeia de rochedos, descriptos por Whateli, de que o Author, assim como Morel, no seu formoso tratado dos Jardins, colhêrao algumas passagens, taes como a cabana, e a ponte suspensas sobre despenhadeiros. Mas Delille cuidou em exprimir de hum modo seu as sensaçoes que nascem destes aspectos medonhos.

OS JARDINS,

POEMA.

CANTO IV.

Dos campos o espectáculo não posso,
Não posso abandonar; e quem se affoita
A ter em pouco o objecto de meus cantos?
Elle inspirava de Virgilio a Musa,
Seduzia a de Homero. Homero, aquelle
Que de Achiles cantou a horrivel sanha,
Que nos pinta o Terror jungindo os Brutos,
No dardo voador silvando a Morte,
O embate dos escudos, o tridente
Do equóreo Numen abalando as torres;
Esse Vate immortal, de Esmyrna o Cysne
Se apraz de matizar o horror da Guerra
Com bosques, prados, montes: na frescura,
No riso destes quadros tão suaves
Desafoga os pincéis; e quando apresta
De Thetis para o Filho armez terrivel,
Se os combates, e os sitios nelle grava,
Se mostra o Vencedor de pó coberto,
Se apresenta o Vencido envolto em sangue,
Buril afagador depois movendo,
Traça a vinha, os rebanhos, selvas, pastos.
Vestido o Heróe destas imagens doces,
Parte, e leva por entre horrendas Turmas
A innocente vindima, e ricas messes.
A teu estro sempar, Cantor divino,

Cabe reger as marciais Phalanges:
He reger os jardins meu brãndo emprego.
Já minhas leis conhece a dócil Terra:
Ei-la relvosa; do tapete alegre
A Mãi das flores lhe enturmou seus mimos,
E arvoredos erdárão ruchas, aguas.
Para gozar destes brilhantes quadros,
Agora um campus, que discorre a vista,
E por baixo de abobadas escuras,
Grutos caminhos abrirei. Mil scenas
Criará minha vóz por toda a parte;
As Artes guiarei para adornallas:
E o divino Cinzel, e a Architectura
Nobre, insigne, hão de emfim destes lugares
Encantadores completar o ornato.
De aussos passos engenhosas guias,
Aos olhos os jardins patenteando,
As ruas devem, pois, agraciallos,
Nas recentes, porém, não se abrão ruas,
Nas findas plantações melhor se escolhem.
Aos mais lindos aspectos as dirige.
Repara como, se aos Estranhos mostras
Do teu trabalho os fructos, como destro
Buscas o brilho, o que não presta evitas;
Sitios formosos, ao passar, lhe apontas,
Lhe guardas para a volta outras bellezas,
O prendes, o entretens de passo em passo,
Em scena que nasceo faz outra scena;
E assim satisfazendo, ou provocando
Sempre os desejos seus, não poucas vezes
Retardas seu prazer para espertallo.
Os teus passeios a ti proprio imitem.
Foje, foje, tambem, nas fórmas delles
Os filhos do máo Gosto, os vãos systemas,
Pela monda abraçados. Lá no campo,
Como cá na Cidade, a môda reina.
Quando a ordem symmetrica e pomposa
De Italicos Jardins luzio na França,

Tudo se deslumbrou, cegou-se tudo
Com esta arte fulgente. Huma só planta
Não negou ao cordel obediencia:
Em toda a parte se alinhárão todas;
De hum lado, e de outro lado enfileiradas,
Alamedas eternas se estendêrão.
Veio outro tempo emfim, veio outro gosto.
De bellezas mais livres avisárão
Aos Francezes Jardins, Jardins Botanicos.
Sò linhas ondeantes, e passeios
Sò tortuosos desde então se virão.
Farto de vagarar, debalde o termo
Está fronteiro a mim: cumpre que ainda,
Cumpre que, a meu despeito, erre, serpêe;
Que, importuno artificio praguejando
Mil, e mil vezes, sem cessar procure
Hum fim, que sem cessar de mim se aparta.
Isto evita: os excessos durão pouco.
Destes varios caminhos cada especie
Tem seu lugar. Hum me conduz a vistas
Pasmosas, que de longe os olhos fixão,
Nutrem a expectação; outro me sôme
Nessas mudas estancias, que parece
A algum fim, de proposito, velára
Arte mysteriosa; mas tornemos
Natural o facticio labyrintho,
E não capricho, precisão se antolhe.
Diversos accidentes, encontrados
Pelo caminho seu; agoas, e bosques,
Como igualmente o chão, devem regello:
Se quero huma feliz docilidade
Na fórma sua, se a tristeza odeio.
E insipidez de alinhamentos longos,
Mais detesto hum passeio embaraçado,
Que, de ferida serpe á semelhança,
Em convulsivas roscas se entrelaça.
Com gyros duplicados cansa, enjoa,
E rispido, uniforme, caprichoso,

O terreno atormenta, e passos, e olhos.
Ha curvas naturais, ha torcicòlas,
De que às vezes os campos dão modelo.
Do carro a roda, a pista dos rebanhos,
Que elle passa negligente a Aldèa buscão;
A Pastorinha, que, no prado abstracta,
Vai talvez entretendo a fantasia
Em visões amurosas: isto ensina
Roteios mollemente volteados.
Longe, pois, os contornos angulares,
Longe de teus passeios, mais ainda
Quando ao fim te encaminha hum longo gyro.
Co' prazer galanteãe-se a fadiga.
A arte se imite das Poetas grandes;
Releva, que ouses tanto. Se alta Musa,
Andando, algum desvio a si permitte,
Mais que o caminho a digressão me agrada.
Niso o seu doce Eurialo defende,
No sepulcro de Heitor a Esposa geme.
Assim teu artificio me extravie
Por gratas illusões, assim me alegre
Com risonhos objectos a passagem;
Tocando o termo, indemnisado eu fique
Da extensão que soffri, mens ollhos gazeou
Aspectos singulares, episódios
De vivente Parma. Além me chamão
Verdes, propicias grutas, onde sempre
A frescura, o silencio, as sombras morão.
O pensamento alli precede aos olhos.
Mais longe vitreo lago o Ceu reflecte,
E confusa acolà, como fugindo,
Assoma perspectiva immensa, e nobre.
A's vezes bosquezinho alegre, ameno,
Mas em si recolhido, e ricamente
Por ti, e a Natureza adereçado,
De flores, e de sombras abundante,
Parece que te diz: «detem-te: ah! onde
Podes estar melhor?» Subito a scena

Se altera: eis em lugar de gosto, e riso
Paz, e melancolia, eis o repouso,
Eis a grave mudez, onde se embebe,
Onde a meditaçao se alonga, e pasce.
Lá com seu coraçao conversa o Homem,
Attenta no presente, entra o futuro,
Da carreira vital nos males pensa,
Pensa nos bens, e recuando a vista
Ao tempo que voou, se apraz às vezes
De perceber no circulo dos dias
Esses poucos instantes, ai! Tao caros,
Tao curtos! Essas flores n'um deserto,
Essas quadras da vida, a que lhe apontão
Saudades do prazer, e até da magoa.
Teme, pois, imitar os que ataviao
Friamente os jardins, os que só querem
Objectos festivais, e lisonjeiros.
Nada em suas paizagens he sublime,
Nada atrevido: tudo são batalas,
Tudo elegantes bosques: sempre flores,
Sempre o Templo de Flora, ou dos Amores:
A alegria monótona aborrece.
Solte tu desta commum, cansada trilha;
Contrastes imagina interessantes,
E affoito os aventura. Entre si podem
Encontrados effeitos soccorrer-se.
Eia, segue o Poussin. Elle apresenta
Em campestre festejo alvas Serranas,
Robustos Aldeaos, bailando à sombra
Dos ulmeiros frondosos, e alli perto
Impressas vozes taes sobre hum sepulcro:
«Já fui, já fui tambem Pastor da Arcadia
Este painel dos gostos voadores,
Do nada da Existencia, está dizendo,
Ou parece que diz: » Mortais, cuidemos
Em lograr, tudo vai desvanecer-se;
Jogos, danças, Pastores.» Dentro n'alma
Ao jubilo viraz, alvoroçado

Mansa tristeza por degrãos succede.
Imita estes effeitos. Não receies
Em quadros ledos pôr sepulcros, e urnas,
Monumento fiel das magoas tuas.
Ah! Quem não tem chorado alguma perda
Rigorosa, cruel! Elia, associa,
Longe do Mundo leviano, e cego,
Os bosques, agoas, flores com teu pranto.
Vem hum amigo em tudo Almas sensiveis
Já co'as sombras pacificas se curvão,
Para abraçar a campa, onde suspiras.
O Teixo, o agudo Pinho, e tu, Cipreste,
Das cinzas protector, leal aos Mortos.
Teus ramos, que affeiçoão genios tristes,
Deixão a gloria, o gosto ao Loiro, ao Myrto;
Do Guerreiro, do Amante a venturosa
Arvore tu não és, porém tem luto
Compadece se, e diz co'as nossas penas.
Em todos estes monumentos nada,
Nada de apuros vãos. Aliar pôdes
Acaso, antes estes lugubres objectos
A arte co'a dor, e co'a riqueza os campos?
Longe principalmente o fingimento,
Longe tumulo falso, urnás sem magoa,
Que o capricho formou; longe as estatuas
De animal ladrador, de ave nocturna:
Isso profana o luto, insulta as cinzas.
Ah! Se as de algum amigo alli não honras,
De envelhecidos Teixos lá debaixo
Não vês a sepultura onde esconder-se
Vão de ir aquelles, que por ti curvados,
Por ti suando sobre ingratos sulcos,
No seio da indigencia a morte esperão?
Pejo de ornar-lhes o sepulcro humilde
Terás acaso! He certo, que não pôdes
Gravar illustres aventuras nelle
Desde o incerto crepusculo, em que os chama
Ave madrugadora a seus trabalhos,

Té ao serão em que a familia tenra
Com elles vai sentar-se ao lar, que estala,
Em paz, e em lida igual seus dias correm.
Nem guerras, nem tratados os distinguem:
Nascer, soffrer, morrer, eis sua historia.
Mas o seu coraçaõ ah! não he surdo
Da memoria ao rumor. E qual dos Homens
No momento fatal da ausencia eterna,
Qual se não volvé, e tristemente alonga
A vista pelos campos da Existencia?
Nau tem na idéa de deixar saudades
Algum gosto, e nos olhos de hum amigo
Não espera huma lagrima? Epitafios
Para adoçar-lhe a vida, a morte lhe honrem.
Aquelle, que, maior do que a Fortuna,
Servio seu Deos, seu Rei, familia, patria,
E o pudor imprimio no rosto á filha,
Merece que de pedra menos bruta
A campa se lhe dé: suas virtudes
Contem se alli, e as lagrimas da Aldéa;
Gravem-lhe sobre a lousa: «aqui descansa
O bom filho, o bom pai, e o bom consorte.»
Encanto involuntario ha de mil vezes
Teus olhos attrahir ao sacro sitio.
E tu, que estás rastando, antes carpido,
Debaixo destas Arvores piedosas,
Tu, primeiro que as deixes, Musa minha,
Suspende em oblação tua grinalda
Na rama veneravel. Muito embora
Outrem celébre em verso a Formosura;
Nos gostos engolfada a Musa de outrem
Da cabeça jamais depouha o myrto;
Télas trajando, folgurantes de niro,
Só da meiga alegria entõe os hymnos:
Verso consolador tu dás ás cinzas,
E primeiro que as outras a mão tua
Algumas flores sobre as campas sólta.
Para baixo de sombras prazenteiras

Voltemos, que he já tempo. A Architectura
Em selvoso lugar inda me espera
Para adornallo de edificios bellos.
Já não do luto os monumentos tristes,
Mais eis gostosos sitios, que em mil faces
Entre a verdura sem primor offertão.
O uso, porem, lhe approvo, e tolho o abuso.
Desterra dos jardins moulao sem ordem,
De edificios diversos, essa pompa
De pendulâria minda: os Obeliscos,
Rotundas, e Kinskos, e Pagodes;
Esses cânos de ingrata Architectura,
Romanos, Gregos, Arabes, Chinezes;
Esterilmente profusão fecunda,
Que o mundo inteiro n'um jardim concentra.
Não procures tambem ocioso ornato,
Antes disfarça em util o aprazivel.
De seu Senhor thesouro, e seu recreio,
A Herdade exige campezino adorno.
Lares que sobre o campo erguco o Orgulho,
Magnifica Solar não a desdenhe;
As riquezas lhe deve, e delle ao fausto
Sobresahe tanto a singeleza della,
Quanto' de Armida aos artificios todos
Sorriso ingênuo de acanhada Virgem.
A Herdade! A este nome Hortos, colheitas,
O pastoril Reinado, o emprego doce,
Os innocentes bens dos aureos tempos,
Cujas meigas imagens enfeitição
A infancia, que he na vida a idade de oiro,
E tanto a infancia minha enfeiticárão;
Isto, ah! Isto, que idéas, que saudades
Dentro do coração me não desperta!
Vem, já das aves-tuas oiço o canto;
Já chião carros, da abundancia ao peso,
Que as tulhas te demandão, e a compasso
Cabe o instrumento que debulha os milhos.
Orna, pois, o teu predio, mas com tanto

Que, prodigo, em palacio o não convertas.
Por seu caracter simples, e elegante
Entre os Jardins, ou Quintas he a Herdade
O mesmo que entre os versos he o Idyllio.
Pelos Numes dos campos, ah! desvia
O luxo audaz deste lugar modesto.
Desvia-o sempre; de occultar não trates
Nem os lagares teus, nem teus celeiros;
Ver quero o trem das ceifas, das vindimas,
Ver o crivo, a joeira, onde co'a palha
O grão doirado salta, e recahe puro;
A grade, o trilho, tudo o mais da Granja,
Sem pejo aos olhos meus se manifestem;
Mórmente de animais o móbil quadro
Lhe dá por dentro, e fóra hum ar vivente.
Não vemos du solar o adorno estéril,
A graça inanimada, o immovel pompa:
Debaixo destes tectos, nestes muros
Tudo está povoado, e tudo he vivo.
Que aves, diversas pela vóz, e instincto,
Que no abrigo da telha, ou colmo habitão,
Republica, Nação, Familia, Reino,
Me entretem com seus brincos, seus costumes!
Eis á frente de todas gyra o Gallo,
O Gallo, feliz chefe, e pai, e amante,
Que, Sultão sem molleza, distribue
Pelo Serralho aligero a ternura;
Une ao jus do valor o da belleza,
Impera carinhoso, altivo ufaga;
Para mandar, para gozar nascido,
Nascido para a gloria, ama, combate,
Triunfa, e logo seus triunfos canta.
Ha de aprazer-te o ver como elles brincão,
Como contendem; seu amor, seus odios,
E até sua comida. Assim que assoma
Com a teiga nas mãos a Dispenseira,
De repente a Nação voraz, e leve
Vôa daqui, dalli, de toda a parte

Em turbilhão ruidoso, e quasi a hum tempo,
O sôfrego tropel junto á que o ceva
Subito fórma hum circulo apinhado;
Ha tais que, sempre expulsos, tornão sempre,
Perseguem o comer, e alli na palma,
Affeitos Parasitos, vem fartalhe.
Este Povo domestico prelege;
Não soberbos, mas sans seus ponsos sejão.
Decoradas estancias que lhe prestão?
Marmóreos beleloiros, e aureos grades?
Mais lhe apraz, muito mais, hum grão de milho,
Já la Fontaine o disse. Oh la Fontaine!
Oh Sabio verdadeiro, eras luzoso
Neste lugar! Cantor feliz do instincto,
Melhor te inspiraria aqui o olhallo.
Fofo o Pavão de assoalhar seu Iris,
A inchação do Peru, mais louco ainda,
Teus pincéis alegrára á nossa custa.
Viras aqui dos Pombos teus a imagem;
Das duas Gallas amantes a discordia
A dizer outra vez te obrigaria:
«Tu derrubaste, Amor, de Troia os muros!»
Desfarte nos apraz, e altrahe a Herdade.
Mas em outra prizão que vulgo fera
Por incognitos sons os meus ouvidos?
Estranhos animais alli se gruntão,
Maravilhas dos olhos, alli vivem
N'um suave desterro encarcerados
Brutos da Terra, do Ar, e hum d'outro pasmão.
Extravagantes castas não procures,
Prefere o que he mais bello ao que he mais raro.
Mostra-nos aves n'outros Ceos criadas,
Que, validas do Sol, seus lumes vibrão;
Da Indiana Galinha o vivo esmalte,
E o oiro do Faisão purpureado.
Aves de ostentação melhor se alojem;
Ellas mesmas são luxo, e co'a belleza
Já que a inutilidade ellas compensão,

Brilhe a prizão como os cativos brilhão.
Rebeldes animais, porém, não tenhas,
Cujo orgulho se irrita, e causa em ferros.
Quem póde ver sem magoa o Rei dos ares,
O passaro feroz, que andou folgando
Lá por entre o trovão, por entre o raio,
Quem póde vello na gaiola indigna
Esquecer o relampago dos olhos,
Dos vôos a altivez! Livre de novo,
Na abobada dos Ceos ao Sol se atreva:
Nunca póde agradar Ente aviltado.
Mas com seu lustre peregrino em quanto
Parece que estes hospedes diffrentes
A' minha escolha, á preferencia aspirão,
O olfato me convida a aquelles tectos,
Onde, do patrio chão tambem roubados,
Estranhos Vegetais o vidro ampara.
Tu cerca de ar macio as debeis plantas,
Mas venera estações, vencendo climas;
Não forces a brotar na Quadra fêa
Bens que a bons tempos Natureza guarda.
Deixa aos Paizes de aturado Inverno,
Deixa embora essas flores, esses fructos,
De falsa Primavera, e falso Estio;
Certo de que ha de o Sol madurecellos,
Sem violentar seus dons, seus dons espera.
Mais folga em ver no transparente abrigo
Prendas diversas de diversas plagas.
Os Ibéros jasmins alli se animão,
Friorenta congorça esquece a Patria,
Tenro ananás pelo calor se engana,
E usurpado thesoiro em si te entrega.
Talhe a Razão teus edificios varios,
De flores, e animaes formoso hospicio,
Oh quantos, quantos mais, que o sitio abrace,
Que approve o gosto, recrear-nos podem!
A sombra desses humidos salgueiros,
Humidos com sadia agoa corrente,

Seja do banho o solitario asylo.
Além cabana, em que a frescura assiste,
Offerte ao Pescador linhas, e redes,
Não vês a mansidão deste Retiro?
Doce acolheita alli consagro às Musas,
No seio florecido, e magestoso
Alli sómente hum obelisco ordeno:
Aos ares sóbe o monumento augusto,
E lavro sobre a pedra enternecida:
«A nossos destemidos Mareantes,
Que pela patria voluntarios morrem.»
Assim teus variados edificios
Nem desertos serão, nem ociosos.
Com seu lugar se agritem massa, e forma,
Cada qual se coloque onde releva,
E não se perca, não destrua a scena
Por sobeja extensão, por muito aperto.
O que empece ao caracter, e utilisa
Sabe, pois: hum recanto quasi occulto
Lá bem n'hum descampado, he que nos pinta
Melhor o desamparo, a soledade.
Sempre a cada expressão fiel te mostra;
Hum Ermo a grande luz não patenteas,
Nem selva carrancuda esconda hum Templo:
Do Monte sobre a espádua quer ser visto.
Movimento, esplendor, grandeza, e vida
O ameno sitio pelo quadro espalha.
Julgo hum aspecto olhar da bella Ausonia.
Esta dos Edificios, esta a graça.
Mas de tais monumentos a alegria,
Luxo moderno, e fresca mocidade
Valem de antigos restos a velhice?
Desses aqui, e alli dispersos corpos
O já desordenado, e grão volume,
A fórma pictoresca enlaça a vista.
Por elles sobre a terra está marcada
Dos Evos a carreira, e, destruidos
Pelos Vulcões, ou Tempestade, ou Guerra,

Instruem sempre, alguma vez consolão.
Sim, estas massas, que tambem da Idade
Cedem ao pezo, como nós cedemos,
A' derrota geral nos habituão,
E a perdoar á Sorte. Assim Carthago
Sobre os desfeitos muros n'outros tempos
Mario vio infeliz, e estes dois restos
Tão grandes entre si se consolavão.
Aproveita ruinas veneranda.
E tu, que os passos meus tens variado
Pelos selvosos campos, tu, que, longe
Das vulgares estradas, vás dictando
Leis aos jardins, oh Poesia amavel!
Oh Irmã da Pintura! A monumentos
De longa idade restitue a vida;
Presenta ao gosto os ricos accidentes,
Que o Tempo desenhou co'a mão remissa.
Huma antiga Capela ora apparece,
Modesto, e santo Asylo, onde algum dia
Iliao em tosco Altar, ou quadra nova,
As Donzellas, e as Mãis, e os seus Filhinhos
A bem das messes implorar o Eterno.
Consagra tudo o Respeito estas ruinas:
Ora avulta acolá Castello annoso,
Em fragosos cabeços, que, Tyranno
Do Territorio, e dos Vassallos medo,
Co'as ameias aos Ceos arremettia;
Que em tempos de terror, discordias, sangue,
Vio lançadas mortais, vio gentilezas
De nossos invenciveis Cavalleiros,
Os Bayards, os Henriques: hoje o trigo
Sobre os fragmentos seus loureia, e treme.
Esta triste, forçosa Architectura,
Cingida de verdor fresco, e risonho,
As esplanadas, e angulos, e torres,
Rotas, quasi abatidas, onde as aves
Dos amores em paz o fructo aquecem;
Os gados povoando estes guerreiros,

Recintos façanhosos, e o Menino,
Q'onde os Avós já guerreárão, brinca,
Fórma tudo isto singular contraste.
Delle te apóssa, dando aos olhos quadro
Duro, e brando, campestre, e belicoso.
Mais ao longe hum mosteiro abandonado
Entre arvoredos subito se encontra.
Que silencio! Amadora dos desertos,
Com gosto alli, Meditação, te entranhas
Por baixo das abóbadas sagradas,
Por onde austeras Virgens, algum dia,
Como as turvas alampadas, que velão
Ante a Religião, tambem velavão,
E descarnadas, pálidas, ardião
Por Deos, e emfim, por Deos se consumião.
Santa contemplação, paz, innocencia,
Como que ainda este silencio ocupão!
Musgosos muros, o Zimborio, as Torres,
Os arcos deste Claustro escuro, e longo,
Destes Altares o degrão rugado
Do supplice joelho, os vidros negros,
O sombrio, e profundo Santuario,
Onde, escondidamente desgraçadas,
Almas houve, talvez, que de seus laços
A's inflexiveis Aras se carpissem,
E por doces memorias inda frescas.
Algum medroso pranto ao Ceu furtassem:
Tudo commove alli, tudo alli falla.
Alli cevando a mente em soledade,
A's vezes cuidarás, no pôr do dia,
Que de alguma Eloisa a Sombra geme;
Que as lagrimas, que a dor, que os ais lhe sentes.
Logra, pois, estes restos de alto preço,
Ternos, augustos, pios, ou profanos.
Mas longe os monumentos, cujo estrago
Do fingimento he filho, e mal imita
Do Tempo as impressões inimitaveis:
Esses antigos Templos, fabricados

Inda ha pouco, as reliquias de hum Castello
Que jámais existio, Pantes illosas,
Que hontem nascêrão, Torreão dos Godos,
Que, roto, e gasto, não parece antigo:
São artificio inutil, e grosseiro,
Fitando-lhe a attenção, se me figura
Que veja hum moço arremedando hum velho,
Despindo as graças da anarrusa idade,
Sem que retrate da velhice as rugas;
Mas estrago real dá pasto aos olhos.
Restos, que já contemporaneos fostes
De nossos bons, e simplices Maiores,
Gosta meu coração de interrogar-vos,
E gosta de vos crer. De novo a Historia
Estudo em vós dos Tempos, e dos Povos.
Quanto esses Povos mais famosos forão,
E quanto mais famosos esses Tempos,
Tanto mais nesses restos fico absorto.
Campos de Italia! Oh Campos d'alta Roma!
Onde jaz, por fatal, e horrivel quéda,
Com todo o seu orgulho o Nada do Homem!
Alli he que ruinas, afamadas
Por grandes numes, por memorias grandes,
Dão sublimes lições, aspectos graves,
Thesoiros que as paizagens enriquecem.
Vê como, cá, e lá, por toda a parte
A rapidez dos Seculos tremendos,
Das Artes os prodigios destroçando,
Sepulcros arrojou sobre Sepulcros,
Hum Templo derribou sobre outro Templo.
Olha as Idades blasonando ao longe
Co'a coroa immortal da Excelsa Roma.
Os pórticos, e os arcos, (onde a Pedra
Em caracter fiel conserva ainda
Do Povo Rei magnânimas proezas),
Pórticos, e arcos tem causado os Tempos.
Ondas suspensas por aqui bramião,
Por baixo destas pórtas dilatadas

Os despójos do Mundo hião passando.
Esparzidos estão, no pó confusos
Por toda a parte, os Thermas, os Palacios,
Os Sepulcros dos Cesares, em quanto
De Virgilio, de Ovidio, Horacio, e de Outros
Inda grata Illosan nos finge o rasto.
Oh tres, e quatro vezes venturoso
O Artista dos Jardins! Feliz quem póde
Destes restos divinos apossar-se!
Já lhe vai surdamente a mão do Tempo
Ajudando as tenções; já sobre pompas
Dos Senhores do Mundo, a Natureza
Ha recobrar os seus direitos fólga:
Lá onde o Domador dos Reis, lá onde
Campeava Pompêo com fasto immenso,
Agora dos Pastores se ouve a flauta,
Como nos dias do tranquillo Evandro.
Vê rir os campos que ao Cultor volvêrão,
E relvar os cabritos sobre os tectos,
E Obelisco arrogante além cahido:
Olha abraçado co'a columna altiva
O humilde espinho; as Arvores, as Plantas,
Subir, baixar em mil festões, mil cachos:
Aquella que Minerva aos Homens trouxe,
E a Figueira, pelo hálito dos ventos
Por entre estes estragos semeadas,
Acabão de abalar co'a raiz branda
As veneraveis Obras dos Romanos;
A torta vide, a hera, de cem braços,
Em torno das ruinas serpeando,
A modo que desejão, que procurão
Recatar-lhe a velhice, ou guarnecella.
Se não tens estes restos estupendos,
Terás, sequer, os animados Bronzes,
Terás os Nomes dos Idados mortos,
Em que Arte divinal forçava os cultos?
Quiz dos Jardins, bem sei, Gosto severo
Lançar todos os Deozes dos Romanos,

Dos Gregos; mas porque? Nossas infancias,
Em Athenas, em fórma cultivadas,
Sua doce magia exprimentárão.
Estes Numes Agricolas não erão?
Não Pastores? Porque has de, pois, tolher-lhes
Os bosques, os vergeis? Podem teus fructos
Rebentar sem auxilio de Pomona?
Ou te he dado expellir do Imperio Flora?
Ah! sempre essas Deidades nos encantem:
Das Artes inda he culto a Idolatria;
Mas haja perfeição, primar na escolha.
Não queiras nos jardins improprios Deoses,
Elles sem magestade, ellas sem graça.
Elege a cada qual assento idôneo,
Seus direitos nenhum ao outro usurpe.
Deixa nas selvas Pan. Porque motivo
Co'as Driades estão Tritões, Nereidas?
De que serve este Nilo em vão croado
De canas, e a mostrar do pó manchada
A urna, que he de passaros abrigo?
Fóra os Leões, e os Tigres: esses monstros
Té nas imagens suas me arripião;
E os Cesares tambem, mais monstros que elles,
Sentinellas hurriferas das portas
De bordadas florestas, que, mojosos
Da suspeita, e do crime, inda parece
Com os olhos as victimas apontão.
Ao risonho logar que jus tem elles?
Mostra-me Objectos que eu venere, eu ame;
A' sua apotheòses sagra hum sitio,
Elysios cria em que seus Manes folguem.
Longe de olhos profanos, sobre valles
De verdes murtas, de churosos loiros
Honrem seus vultos marmore de Paros;
Gaste hum remanso ide banhar tais selvas,
E, mesclando co'a sombra os dubios lumes,
Seja Diana affavel o Astro delias,
Dos virentes doceis a formosura

Sobre as queridas, candidas Estatuas,
Destes Homens egregios o reposo,
A simples, a benigna magestade,
Correntes sem rumor, como as do Lethes,
Que para aquellas Almas tão serenas
Parece vão rolando o esquecimento
Da crua ingratidão, e de outros males;
Bosques, e o dia, entre elles expirando,
Tudo respira a paz dos Manes leitos.
Tu não consagres pois, se não tranquillas,
Estremadas virtudes nesses campos.
Longe, longe os fataes Conquistadores,
Verdugos, não Heróes: esses logares
Turbarião talvez como turbárão
Este Mundo infeliz: ahi colóca
Os amigos dos Homens, e dos Deoses:
Os de que ainda beneficios vivem
Na fama, e tradições; tambem Monarcas,
Do que o seu Povo não chorasse a gloria:
Mostra ahi Fenelon, mostra á saudade,
E com Sully se abrace Henrique o Grande.
Dá, dá-me flores, cobrirei com ellas
Os Sabios, que em longinquas, novas praias
Artes consoladoras demandárão,
Artes consoladoras desparzirão.
E tu, primariamente, Heroe Britanno,
Tu Cook, infatigavel, denodado,
Que, acceita, e cara aos coraçoés de todos,
Unes em'a magoa tem Paiz e a França;
Que a essas Regiões, que aonde o raio
Outr'hora os Europêus annunciava,
Util, novo Triptólemo, guiaste
O servigal cavallo, a ovelha, o toiro,
O arado agricultor, e as patrias artes,
Nossas furias, e rombos expiando,
Com doce paz fraterna lá surgias;
Prantos, e beneficios lá deixavas.
Recebe de hum Francez este tributo...;

E à minha gratidão que importa o clima?
Virtudes immortais do illustre Nauta
Nosso Concidadan já o fizerão;
No grande exemplo o nosso Rei se imite;
Digno de ser seu Rei. Ah! que aproveita
Ao pasmoso Varão ter vezes duas
Visto os Mares de gêlo, os Ceos de fogo,
Ter estes afrontado, e roto aquelles?
Que as ondas, ventos, Povos o acatassem;
Que em toda a vastidão do Pego immenso
Fosse immune, e sagrada a quilha sua;
Que só com elle reprimisse a Guerra
Seu hórrido furor? Do Mundo o Amigo
Ai! Morre às maos de barbaros Selvagens.
Oh vós, que lamentais seu fim cruento,
Da potente Albion soberbos filhos,
Imitai-lhe, que he tempo, a ambição nobre.
Porque em vossos iguaes quereis escravos?
Dai lhe fraternidade, e nao cadeias.
Dos loiros triunfais cingida a fronte,
Dos loiros, que o Francez colheo de novo,
Té a mesma Victoria a Paz cobiça.
Desce, Prole do Ceo, Paz suspirada,
Doira este Globo, emfim, com teus sorrisos,
Dos sitios, que eu cantei, requinta as graças;
Fórma hum Povo feliz de tantos Póvos;
Aos campos abundancia restitue.
E restitue às ondas o commercio:
Haja da tua mão, propicio Nume,
Os dois Mundos socego, as Artes vida.

FIM DO CANTO IV.

NOTAS

DO

CANTO IV.

(PAG. 61. *vers.* 27.)

Ella, imita o Poussin, etc.

Este famoso quadro he certamente o melhor de tódos os de Paizagens. Senão soubessemos quanto a imaginação do Poussin se alimentou com as producções dos grandes Poetas da Antiguidade, este painel bastaria para o provar. Quasi todas as obras voluptuosas de Horacio tem o mesmo caracter. Por toda a parte no seio dos prazeres, e das festas, aponta ao longe a morte. Dai-vos pressa, (dizia elle) quem sabe se á manhã viveremos? Nosso fado he morrer; será forçoso deixar esta bella casa, esta Mulher encantadora, e de todas as arvores que cultivais, só o Cypreste, ai de mim! seguirá seu Senhor, mui pouco duravel.

Esta mesma filosofia, colhida dos antigos Poetas, he a que dicton o Chanlieu aquelles versos cheios de melancolia tão doce:—

> Musas, que neste retiro
> Começastes meu prazer,
> Plantas, que nascer me vistes,
> Cedo me vereis morrer.

Estes contrastes de sensações, compostas de alegria, e tristeza, agitando a alma em sentido contrario, fazem sempre huma impressão profunda; e he o que obrigou o Author a collocar no meio das scenas risonhas dos Jardins a vista melancolica dos sepulcros, e urnas consagradas á Amizade, ou á Virtude.

(PAG. 62. *vers.* 29.)

De envelhecidos Teixos lá debaixo
Não vês aquelles, etc.

Nestes versos, dedicados ás sepultoras humildes dos Camponezes, o Author imitou alguns versos do Cimiterio de Gray.

(PAG. 70. *vers.* 35.)

Mas longe os monumentos, cujo estrago, etc.

Chabanon, em huma linda Epistola, escrita a favor dos Jardins regulares, notou antes do Author dos Jardins, que os monumentos velhos despertavão memorias, vantagem que não tem ruinas fingidas. Esta idéa se acha em outras obras, e particularmente na de Watelì: demais, ella he tão natural, que era facil achalla. Talvez o não fosse exprimilla bem, mórmente depois de Chabanon; mas se o Author se encontrou com elle, o que todavia cuidou em evitar, confessa, e repete, que os seus versos são posteriores aos daquelle Poeta.

(PAG. 74. *vers.* 26.)

E tu, primariamente, Heroe Britanno, etc.

Todos tem noticia das viagens instructivas, e animosas do afamado, e desditoso Cook; todos sabem a ordem que Luiz XVI. deu para se lhe respeitar o navio em todos os Mares, ordem que honra igualmente as Sciencias, este illustre Viajante, e o Rei, de que elle, por assim dizer, se tornou vassallo, com este novo genero de beneficencia, e protecção.

FIM.

1814. — TYP. DE PEDROZA.

B
48